

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

Ronny Costa Pereira

**As Representações da Violência para a Organização Política de
Florença nos Cantos XVI da *Divina Comédia***

Feira de Santana
2018

Ronny Costa Pereira

**As Representações da Violência para a Organização Política de
Florença nos Cantos XVI da *Divina Comédia***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Banca Examinadora da Universidade Estadual
Feira de Santana, como exigência para
obtenção do grau de Licenciado em História.
Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Osório Pereira.

Feira de Santana

2018

Ronny Costa Pereira

**As Representações da Violência para a Organização Política de
Florença nos Cantos XVI da *Divina Comédia***

A banca examinadora considera esta monografia adequada como requisito para a conclusão do Curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual de Feira de Santana.

Feira de Santana, 31 de julho de 2018.

Prof. Dr. Rodrigo Osório Pereira (orientador)
UEFS

Prof.(a) Ygor Klain Belchior
UEFS

Prof.(a) Clóvis Frederico Ramaiana Moraes Oliveira
UEFS

As pessoas que tornam o
Inferno da vida o Paraíso,
essas são e sempre serão as
quem se deve se dedicar, e a
elas dedico não só esse
trabalho, como minha vida.

AGRADECIMENTOS

Aos “Virgílios” que me guiaram nessa jornada: Ao Prof. Rodrigo Osório pela disponibilidade e atenção a uma pesquisa tão cronologicamente distante do seu “habitat natural”, pela paciência nos prazos e por ter a confiança de que a monografia seguiria até o fim. À Prof. Maria Eugenia Bertarelli por me disponibilizar e introduzir ao acervo de pesquisas, fontes e discussões acerca dos estudos dantescos.

Agradeço também aos professores e colegas do grupo de discussão sobre História e Literatura, que me possibilitaram melhor compreensão de lidar com essas duas áreas.

Por fim, aos colegas de curso que por anos possibilitaram inúmeras rodas de conversas acerca da historiografia, que se tornavam mais frutíferas e inquietantes do que muitas aulas.

...delicado é aquele para quem a pátria é doce. Bravo, aquele para quem a pátria é tudo. Mas perfeito é aquele para quem o mundo inteiro é exílio.
Hugo de São Vítor (Didascalicon, III, 19)

*Quem derramar o sangue do homem, pelo homem o seu sangue será derramado;
porque Deus fez o homem conforme a sua imagem.*
Genesis 9:6

RESUMO

Esta monografia tem como objetivo analisar as representações políticas e morais do florentino Dante Alighieri (1265-1321) acerca das mudanças sociais da comuna de Florença, por meio de sua obra *Divina Comédia*, atentando no papel que Dante atribui para a violência humana no *Inferno*, *Purgatório* e *Paraíso*. O enfoque propõe relacionar o XVI canto de cada livro: sétimo círculo do inferno, o terceiro terraço do purgatório e a quinta esfera do paraíso. Buscou-se relacionar as visões e críticas à política e a moral de Florença feita pelo poeta, com as brigas pelo poder peninsular entre o papado e o Sacro Império Romano-Germânico e as disputas Comunais entre os partidos dos *guelfos* e dos *gibelinos*. Além disso, analisamos as divergências que os cantos selecionados possuem, já que a *Divina Comédia* tem um caráter enciclopédico de ensinar o “caminho de Deus”, que é trabalhado de diferentes maneiras nos três livros.

Palavras-chaves: Divina Comédia; Violência; Florença.

ABSTRACT

This monography aims to analyze the representations of the political and moral of the florentine Dante Alighieri (1265-1321) about the social changes of the commune of Florence, through his work *Divine Comedy*, focusing on the role that Dante attributes to human violence in the *Hell*, *Purgatory* and *Paradise*. The focus is to relate the XVI corner of each book: seventh circle of hell, the third terrace of purgatory and the fifth sphere of paradise. Seeking to relate the visions and critics to the politics and the morals of Florence made by the poet, with the fights for peninsular power between the papacy and the Sacred Roman-Germanic Empire and the Communal disputes between the parties of the *guelfos* and the *gibelins*. Besides analyzing the divergences that the selected songs have, since the *Divine Comedy* has an encyclopedic character to teach the "way of God", that is worked of different ways in the three books.

Keywords: *Divine Comedy*; Violence; Florence.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Inf.

Inferno

Par.

Paraiso

Purg.

Purgatório

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPITULO I – Dante Alighieri em seu Contexto: a musa, o poeta e a poesia.....	15
1.1 A Florença de Dante.....	15
1.2 O Autor.....	20
1.3 A Obra.....	24
CAPITULO II – A Moral Política de Dante nos Cantos XVI da <i>Divina Comédia</i>: a violência pune, purga e salva.....	29
1.1 Violência Cívica e Violência Institucional.....	29
1.2 Representações do ideal político de Dante nos cantos XVI da <i>Divina Comédia</i>	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
REFERENCIAS.....	50
ANEXOS.....	54

INTRODUÇÃO

Esta monografia analisa o livro *Divina Comédia* (1306-1321), de Dante Alighieri (1265-1321), em específico os cantos XVI de cada livro que compõe a obra (*Inferno* – *Purgatório* – *Paraíso*), buscando entender e relacionar as concepções políticas que seu autor expõe nesses cantos com o contexto histórico que a Península Itálica passava no período de escrita da obra de Dante.

Os principais objetivos desse trabalho estão em compreender as representações das relações morais e políticas de Dante Alighieri com a Comuna de Florença apresentadas na *Divina Comédia*. Buscando uma conexão com o papel que o autor atribui a violência humana e as mudanças em sua sociedade. Somado a isso, buscar entender, por meio dos estudos historiográficos sobre a idade média, as mudanças sócio-políticas da península italiana dos séculos XII-XIII e as influências dessas nas concepções de Dante na *Divina Comédia*. Além de analisar os aspectos filosóficos e teológicos que Dante atribui a violência humana, e contextualiza-la com os discursos filosóficos gregos e a teologia religiosa judaica cristã. E por fim, entender o caráter enciclopédico dos espaços selecionados dos livros do *Inferno*, *Purgatório* e *Paraíso*, buscando suas similaridades e divergências.

A utilização específica de cada livro se deve ao fato de serem cantos com forte apelo político, tendo em comum a crítica a Florença do poeta, e uma exaltação de uma Florença passada, em geral vivida pelos espíritos que Dante conversa nesses cantos. Além do fator que esses cantos representam personagens que estão sendo punidos ou recompensados pela violência (No canto do *Inferno* estão os que cometeram violência contra a natureza; no canto do *Purgatório* os que tiveram excesso de amor e cometeram violência; no canto do *Paraíso* os que foram salvos por lutarem pela fé) e esse ponto pode ser analisado por três aspectos.

O primeiro é o viés da violência militar sobre a Comuna de Florença, que era frequentemente invadida por grupos rivais que tentavam eliminar seus inimigos políticos (o próprio exílio de Dante se deve a uma invasão militar); o segundo é a violência moral que a comuna sofria com as más escolhas dos nobres e políticos em valorizarem o dinheiro e o poder e não a valorização da tradição e moral de Florença; e o terceiro se reflete no aspecto teológico, em que a Igreja Romana se degrada em busca de maior poder, e se pretende o direito do poder mundano, e passa a usar sua autoridade

em guiar para o mundo espiritual como meio de alcançar maior poder, o que para Dante era uma violência a Itália, A Florença, ao amor e a Deus.

A *Divina Comédia* é considerada uma epopeia medieval por diversos especialistas em Literatura e História (Italo Calvino, Jacques Le Goff) e um dos fatores a que isso se deve é que ela sintetiza ideias de um tempo. Por isso, compreender o período em que foi escrita é fundamental para melhor entendimento da obra. E os estudos de Patrick Gilli sobre a construção histórica das cidades italianas da idade média, seus fundamentos políticos, econômicos e institucionais são de suma importância para melhor contextualizar a Florença vivida e idealizada por Dante; somados aos estudos de Jacques Le Goff que analisam o crescimento populacional da Europa ocidental e suas relações com a intensificação da usura e as medidas de resistência que os setores religiosos se utilizam para barrar tais crescimentos, são auxiliares para entender o cenário político e econômico desse período.

Conhecer sobre o autor é um passo importante para entender historicamente sua obra. Uso as biografias produzidas por Hilario Franco Jr. e Eduardo Sterzi sobre Dante para melhor compreender as apreensões e ideias escritas por ele na *Divina Comédia*. E apesar das divergências quanto as possíveis datas sobre os feitos de Dante, ambos se debruçam por entender os “possíveis Dantes” que aparecem em seus escritos, analisando seus aspectos de político, teólogo, poeta, filósofo e alquimista.

O conceito de uma *Divina Comédia* enciclopédica e doutrinadora, no sentido de uma obra que busca abarcar todos os aspectos filosóficos, teológicos, científicos e artísticos e se propõe a ensinar um modo de enxergar e agir no mundo, são apoiados pelos estudos de Guiseppe Mazzotta, que trabalha com a ideia de um Dante que busca por meio de sua obra, expressar seu modo de ver o mundo. Modo esse que é repleto de alegorias, analogias e signos, em que os estudos de Erich Auerbach são de vital importância, principalmente na criação do conceito de mimésis na literatura.

E a *Divina Comédia* sendo uma enciclopédia, traz aspectos culturais de épocas e lugares diversos das terras em que nasceu Dante. De forma que o conceito de “apropriação” e “representação” organizados por Roger Chartier serem fundamentais para uma análise sociocultural de um trabalho de História da literatura, e ampliar as possibilidades teóricas de compreensões da obra, já que se analisa a literatura além de uma fonte documental que relata fatos, mas sim a apresenta como uma configuração poética do real, com continuidades e descontinuidades que o livro diz (ou deixa de dizer) e suas intencionalidades.

As possibilidades dessa monografia se fundam na intencionalidade de Dante Alighieri em usar os cantos XVI do *Inferno*, *Purgatório* e *Paraíso* para mostrar seu descontentamento com o crescimento urbano de Florença, a decadência da nobreza, que começa a valorizar mais o dinheiro que seus títulos e as disputas políticas entre apoiadores do papado e do império, que na luta pelo poder não se importavam com a “moral” das comunas. É que ao usar os cantos XVI de cada livro, busca, em uma concepção tripartite, mostrar os males (inferno), explicá-los (Purgatório) e, por meio de uma doutrina, trazer uma esperança (Paraíso). Se utilizando de personagens que viveram em uma Florença passada à do poeta, tenta reviver os valores tradicionais, julgados perdidos.

Por esses motivos, a concepção da *Divina Comédia* com intencionalidades de análises dos cantos em paralelo de cada livro, se tornam viáveis. E para apoiar essa ideia os estudos dos dantotólogos George Corbett e Heather Webb são de grande auxílio, já que os mesmos se apoiam na metodologia de que as leituras de cantos paralelos da *Divina Comédia* além de abrirem margens para novas possibilidades são plausíveis devido ao grau de intencionalidade numérica que o autor apresenta em todo poema, além das diversas repetições temáticas que cada canto de cada livro apresenta (desde o mais conhecido “666” em que cada canto 6 representa uma crítica aos partidos políticos florentinos, ou até mesmo dos cantos XI que tratam da natureza do amor).

Essa monografia está dividida em dois capítulos. O primeiro, intitulado “Dante Alighieri em seu Contexto: a musa, o poeta e a poesia” tem como objetivo fazer um panorama do contexto que cercou o autor da *Divina Comédia* e como isso influenciou em sua escrita. A vivência em Florença, com suas singularidades culturais, disputas políticas e organizações sociais; a vida da família Alighieri, as decisões e imposições de Dante passou em vida; e o próprio ato de criação literária e política de Dante. Todos esses fatos tem a função de contextualizar a escrita do poeta florentino para se compreender melhor suas limitações, inclinações e discursos apresentados em seu poema.

O segundo capítulo, “A Moral Política de Dante nos Cantos XVI da *Divina Comédia*: a violência pune, purga e salva”, se divide em dois momentos. O primeiro é a compreensão da ideia de violência vigente na Idade Média cristã e seu paralelo com a ideia que o poeta florentino apresenta em seus cantos. O segundo momento do capítulo é centralizado em analisar os cantos XVI de cada livro da *Divina Comédia* e entender a continuidade de ideias que os cantos sugerem, buscando assim compreender a noção

que o poeta possuía sobre as causas e reparações a serem feitas na política florentina em crise.

O processo de transformação do projeto de TCC para a monografia foi uma experiência nova, angustiante e realizadora. A construção de um projeto e seu desenvolvimento nem sempre se sincronizam. Alguns planejamentos iniciais foram retirados ou reelaborados durante o processo de escrita.

CAPÍTULO 1 - Dante Alighieri em seu Contexto: a musa, o poeta e a poesia

1.1 A FLORENÇA DE DANTE

A *Divina Comédia*¹ de Dante Alighieri, composta há 750 anos, é uma obra que desde sua criação deixou claro a quem a lia as posições políticas e religiosas de seu autor, a ponto de ser considerada um livro proibido pela Igreja Católica anos após seu término. As proposições teológicas, as críticas ao papado e suas influências nas políticas comunais² perpassam por toda *Divina Comédia*. O autor que dedicou a vida a sua terra natal, Florença, deixa nítido em seu poema a sua relação conturbada com a cidade e mescla sua narrativa entre críticas, lamentos, rancores e esperanças para com a comuna florentina.

Dessa maneira, abordar a *Divina Comédia* sem analisar a terra natal de Dante é impensável. Florença é o centro das discussões em inúmeros cantos, seja no *Inferno*, *Purgatório* ou *Paraíso*, além de ser diretamente uma das causas fundamentais da própria criação da *Divina Comédia*. A Florença do poeta foi inspiração para se engajar nas disputas políticas da comuna e responsável pelo exílio que marcou sua vida e obra. Mas qual(is) era(m) a(s) Florença que Dante viveu? E quais aspectos ela influenciou a obra do poeta?

A historiografia referente aos estudos medievais é farta em documentação que apontam a expansão comercial que os centros urbanos da península europeia passaram a partir da segunda metade do século XII. Com o crescimento das rotas comerciais as cidades se tornaram espaços cada vez mais populosos, passando a ser local de encontros, descanso e troca de mercadorias. Esse fortalecimento urbano em diversos setores, fez com que a função das cidades se ampliasse também. Se até meados do

¹ Originalmente a obra possuía apenas o título *Commedia*, tendo sido chamada de “Divina” posteriormente por Boccaccio, e passando a partir de 1555 a ser incorporado tal adjetivo.

² Na concepção historiográfica mais tradicional, as comunas foram cidades que “adquiriram instituições municipais autônomas por rebelião ou pela força; o termo também é frequentemente usado para descrever cidades que obtiveram direitos análogos por meio de carta régia. Os privilégios característicos assim obtidos incluíam liberdade pessoal para o cidadão, liberdade de propriedade, autoridade para regulamentar o comércio local, para lançar impostos e controlar os procedimentos judiciais das cidades. As comunas eram particularmente numerosas em áreas onde a autoridade política era débil, como no norte da Itália.” LOYN, Henry R. **Dicionário da Idade Média** / organizado por/ tradução, Álvaro Cabral; revisão técnica, Hilário Franco Junior. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997. p. 251.

século XI, a cidade medieval ocidental foi um local de instalações religiosas e militares, com o desenvolvimento econômico e cultural que atingiu esses centros urbanos, os senhores feudais passaram a disputar o poder político e econômico com setores aristocratas citadinos.

Diante disso, famílias aristocratas ligadas ao comércio e transporte ganharam espaço político e econômico. Os centros urbanos com cada vez mais concentração de riquezas, passaram a necessitar de leis e seguranças mais complexas. Foi o momento que os nobres de vassalagem, que possuíam grande parte dos *milites*³, e algumas famílias da burguesia citadina ligadas as leis, tiveram maior espaço na formação dos centros urbanos. Essa demanda fez crescer o número de universidades nas cidades, e com um núcleo populacional crescente, os líderes desses setores passaram a criar leis e organizações políticas mais solidas, se consolidaram assim as comunas.⁴

Em meio a esse crescimento das cidades, uma área se beneficiou de maneira considerável, a Península Itálica. A sua posição geográfica ofereceu um local estratégico para as rotas comerciais, já que se localizava em meio às rotas marítimas entre o oriente, ocidente e norte da África. Tal localização fez com que a península passasse a possuir um número crescente de cidades, que recebiam demandas cada vez maiores de viajantes e comerciantes. Como aponta Hilário Franco Jr:

Enquanto por volta do ano 1000 não havia em todo o Ocidente nenhuma cidade que chegasse aos 10 mil habitantes, no século XIII existiam 55 delas, 21 das quais na Itália. Apenas Paris podia rivalizar com os quase 100 mil habitantes de Florença, Milão, Veneza e Gênova⁵.

Aumentando dessa maneira a importância política das cidades europeias medievais para os reinos e Impérios europeus.

Em paralelo a esse “florescimento”, as cidades da Península Itálica passaram também por uma organização política que a diferiu radicalmente dos demais reinos europeus de seu período, possuía uma fragmentação territorial equivalente ao seu rápido crescimento urbano. Ao Norte da Itália, majoritariamente subordinada ao ducado de Veneza, com uma tradição de apoio ao Sacro Império Romano Germânico, se buscava uma anexação de toda a Península Itálica com o Império, tornando assim Veneza a

³ Esse termo é utilizado em vez de “cavaleiros” para diferencia-los da cultura cortesã cavaleiresca. Já que a *militia* italiana possuiu um caráter urbano, ligado à administração pública, setores jurídicos e mercantis. GILLI, Patrick. **Cidades e sociedades urbanas na Itália medieval: (séculos XII-XIV)**. Campinas: Editora da Unicamp; Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011, p.67.

⁴ *Ibid.* p.98.

cidade central entre o Império e a península anexada. Já o Sul, controlado pelo Reino da Sicília, possuía políticas senhoriais de controle de comunas italianas com pretensões a expansão de seu reino, além de controle das rotas marítimas que ligavam a Europa com a África e Oriente Médio, tornando a Sicília dessa maneira uma rival do Sacro Império. Paralelo a esses conflitos, o centro da Península Itálica era dividido pelas terras pertencentes ao papado, e as cidades ao redor que se submetiam ao mesmo por acordos ou pressões políticas e as dezenas de comunas, que incorporaram regras políticas e organizacionais cada vez mais específicas e singulares a cada comuna, e se estruturavam política e militarmente para manter sua autonomia.⁶

Essa política fragmentada fez com que as duas grandes organizações político/militares vizinhas às comunas se movimentassem em uma tentativa de anexação, enquanto tais comunas passaram a serem alvos das disputas territoriais que enxergaram nas cidades italianas, uma oportunidade econômica e política para expansão e manutenção de seus territórios. De um lado, o Sacro Império Romano-Germânico, que buscou alcançar o antigo ideal de Carlos Magno de unificar toda Europa sob o julgo de um único Imperador, enxergou nas comunas italianas um reduto econômico importante para consolidação de seus objetivos. Do outro lado, o papado, que na tentativa de obter o controle político e a soberania sobre a Península Itálica, passou a auxiliar militarmente e economicamente algumas famílias ligadas a política em diversas comunas, para livrá-las da influência imperial e favorecer os desígnios papais.

Os conflitos entre o papado e o Sacro Império, se iniciaram no século XI, com o papa Gregório VII retirando os poderes de liturgias do imperador Henrique IV e se aliando aos normandos do sul da Itália para rivalizar com o exército imperial.⁷ Esses conflitos se intensificaram na virada dos séculos XIII-XIV com o Papa Clemente V influenciando eleições imperiais, e anteriormente o Papa Bonifácio VIII que acionou tropas papais para intervir nas políticas comunais. Se o papado utilizou de seu poder clerical para angariar influências e aliados, o Sacro Império Germânico não cessou de medir esforços para submeter a Península Itálica sobre seu julgo. Henrique VIII, seguindo os desejos de seus predecessores, investe suas forças militares em busca da conquista das terras italianas:

⁵ FRANCO, Hilário Junior. **Dante, o poeta do absoluto**. Ateliê Editorial, São Paulo, 2000, p. 17.

⁶ GILLI, Patrick. **Cidades e sociedades urbanas na Itália medieval: (séculos XII-XIV)**. Campinas: Editora da Unicamp; Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011, p.25-26

⁷ LOYN, Henry R. **Dicionário da Idade Média** / organizado por/ tradução, Alvaro Cabral; revisão técnica, Hilário Franco Junior. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997. P. 668-670.

Os começos do século XIV assistiram a mais duas tentativas dos imperadores germânicos de fazer valer sua pretensão a serem os governantes legais do *Regnum Italicum*. A primeira foi levada a cabo pelo herói de Dante, Henrique de Luxemburgo, que chegou à Itália em 1310(...), mas uma vez mais o triunfo imperial levou seus inimigos a se unirem, dessa feita sob a liderança de Florença, a maior defensora das liberdades republicanas desde que os milaneses haviam sucumbido ante o despotismo dos Visconti, na geração anterior. Os florentinos tiveram sucesso em suscitar revoltas em Pádua, Gênova e Lodi, bem como em repelir de sua própria cidade as forças do imperador, no final de 1312.... O desfecho foi novamente desastroso para a causa imperial: depois de aguardar por (...) reforços que lhe permitissem um novo assalto a Florença, o imperador morreu bem no início da campanha, e seus exércitos imediatamente se dispersaram.⁸

Essas disputas influenciaram a política das comunas e reinos italianos, fazendo com que famílias nobres, grupos de comerciantes e outros sujeitos de influência política, passassem a buscar apoio financeiro-militar em uma dessas duas instituições. Foi o momento que famílias nobres passaram a enviar cartas de apoio oficiais ao papado ou ao Sacro Império, gerando assim nas assembleias comunais, uma distinção clara de grupos que defendiam o Papa ou o Imperador. Essa divisão nítida de ideais políticos foi o que gerou o surgimento dos partidos dos *gibelinos* (favoráveis ao Sacro Império) e os *guelfos* (contrários ao mesmo)⁹. Além disso, as comunas passaram a adotar métodos de organizações políticas que se adaptaram a constante disputa e influência do Sacro Império e Papado.

A principal articulação feita foi a tentativa de soberania da comuna perante os poderes externos a ela. As leis comunais se encaminharam desde o fim do século XI para formas políticas em que o *amor patriae* fosse priorizado. Os Priores¹⁰ passaram a ter o direito de criar a *militia* cidadina, fazendo dessa maneira que a comuna possuísse um exército organizado que defendesse a comuna contra um eventual ataque externo ou impedisse a realização de conflitos armados entre famílias nobres rivais.

⁸ SKINNER, Quentin. **As fundações do pensamento político moderno**. São Paulo, Companhia das letras, 1996. P. 28.

⁹ De acordo com Gilli, “a palavra guelfo deriva da família saxã dos Welf, tradicionais adversários dos Staufen; inversamente, gibelino tem como fonte o nome do castelo dos Staufen, Waiblingen, que se tornou grito de guerra das tropas imperiais na época de Frederico I; é então por uma estranha contaminação lexical que guelfo, como oposto a Staufen, se tornou sinônimo dos aliados do papado, enquanto o último representante da família dos Welf ativo na Itália, o imperador Oto IV de Brunswick, havia sido excomungado por Inocêncio III em 1210; a terminologia cristaliza-se assim sobre conceitos que têm somente uma relação distante com suas origens históricas reais.” GILLI, Patrick. **Cidades e sociedades urbanas na Itália medieval: (séculos XII-XIV)**. Campinas: Editora da Unicamp; Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011, p.36-37

¹⁰ Os Priores foram líderes (cerca de cinco) legislativos das comunas, que tinham como função criar leis, decidir as punições das disputas políticas, e ter maior poder de voto nas reuniões com os cônsules para decidirem os caminhos políticos que a comuna deveria tomar. Ibid. P.84-85.

Os Cônsules das comunas passaram a ter auxílios de líderes que deviam ser habitantes originários de comunas vizinhas, chamados de Potestades, para que seu julgamento fosse feito de forma imparcial e sem favorecer nenhuma família.¹¹ Esse cargo surgiu para impedir que *guelfos* ou *gibelinos* usassem da autoridade política contra seus inimigos, já que os cônsules eram em sua maioria, envolvidos nas disputas entre *guelfos* e *gibelinos* de sua comuna.

As pessoas que assumiam os cargos de potestades possuíam de início um largo poder, já que lhes competia tanto o papel de autoridade na organização da cidade, quanto nas decisões jurídicas da mesma, além de servirem como diplomata e porta voz da comuna. Por esses motivos, o poder do Potestade era limitado a seis meses, e depois ocorria uma nova eleição entre os membros da assembleia para decidir o novo Potestade. Porém, diferente dos outros cargos políticos, não precisava prestar contas ao deixar o cargo, além de receber um salário fixo enquanto servia a comuna. Com o tempo os Potestades se mesclaram entre os Potestades estrangeiros e os nativos. As comunas buscaram meios internos, alheios muitas vezes às regras institucionais dos reinos europeus, para garantir a sobrevivência comunal.

A política comunal da Península Itálica se desenvolveu no século XIII e passou a ser necessário possuir dois Potestades em cada comuna, um filiado aos *guelfos* e outro aos *gibelinos*, para não gerar desigualdade de influência política entre ambos. Com o desenvolvimento econômico crescente nas comunas, muitas delas (incluindo Florença) passaram a ter além de nobres nas assembleias dos cônsules, senhores de terras, artesãos e donos de estabelecimentos (chamados de *Popolo*). Foi assim criada a Liga dos Anciões, que possuía o direito de eleger um representante para falar em meio aos Cônsules, Potestades e Priores, que era chamado de Capitão do Povo. Esse indivíduo possuía a função de proteger os interesses do *Popolo* perante os nobres, além de proteger a comuna das disputas militares entre as famílias rivais¹². Em Florença o cargo de Capitão do Povo se inicia em 1250, e em poucos anos ganha importância política suficiente para que substitua o poder antes designado aos cônsules.

E entre as comunas italianas uma das que mais foi alvo das disputas políticas e militares, foi a comuna de Florença. Com aproximadamente 100.000 habitantes, foi uma cidade estratégica nas rotas comerciais, sendo um ponto quase obrigatório de passagem para aqueles que quisessem chegar à região sul da península (Reino da Sicília), para os

¹¹ Ibid. P.98.

¹² Ibid, P. 82-84.

que fossem em direção a Roma, ou quem desejasse sair da Península italiana. Florença era, dessa maneira, um território importante nos conflitos entre o Sacro Império e o papado. O que gerou, dentro da comuna, um posicionamento político a favor ou contra determinados ideais de quais caminhos a cidade deveria tomar, levando as famílias aristocratas florentinas a se dividirem entre os que apoiavam os *guelfos* e os que encorajavam a política dos *gibelinos*. Posições essas que intensificaram os conflitos políticos violentos entre as famílias que buscavam o poder em Florença.

Os conflitos políticos entre *guelfos* e *gibelinos* em Florença eram intensificados militarmente pelo Papado e Sacro Império, até que uma sequência de batalhas entre exércitos das famílias das duas forças (1260-1268) consolidou os *guelfos* como cônsules da comuna florentina. Entretanto, sem a presença dos *gibelinos* e a consequente diminuição da influência imperial na comuna, a política de Florença se viu cada vez mais pressionada pelo poder papal. O que levou os cônsules *guelfos* a divergirem entre a aceitação e repulsa dessa influência, ocasionando uma divisão no partido, entre os *Bianchi* (famílias de nobres menos influentes que ascenderam com o crescimento da cidade e consideravam a autonomia política da Comuna fundamental) e os *Neri* (famílias da nobreza tradicional florentina e que são favoráveis a influência papal).¹³

1.2 O AUTOR

É nessa Florença, que ao mesmo tempo estava no centro do “florescimento intelectual e comercial” da Península Itálica e que passava pelos conflitos políticos de legitimação de poder entre papado, Sacro Império e comuna, que Dante Alighieri, poeta florentino, provavelmente nascido em 1265, filho de Alighiero II, filho de Bellincione, e da primeira esposa Bella de Alighiero. (Ideia essa aceita pelos estudiosos da obra dantesca, baseada no próprio relato de Dante, que no XXII canto do livro *Paradiso* afirma ser esse o ano do início de sua vida), nasceu e viveu a maior parte de sua vida.

Dante, de acordo com Richard Lewis, nasceu de uma família guelfa da pequena nobreza, que provavelmente não possuía influência política ou econômica na cidade; De acordo com seu relato em a *Vita Nuova*, aos nove anos de idade Dante conhece Beatriz

¹³ *Bianchi* do italiano significa “Branco”, e foi utilizado devido a cor principal do brasão da família Cherci, líder dos *guelfos* contrários ao papado. Já *Neri* significa em italiano “Negro” e é referente a cor do

Portinari e inicia sua paixão platônica que o seguiu até o fim de sua vida. Estudou em um colégio franciscano, onde conheceu o poeta Brunetto Latini¹⁴, que é seu primeiro guia nos caminhos da poesia e o ensinou “como o homem faz-se eterno”¹⁵ com quem aprimorou seus estudos dos clássicos latinos. E após isso Dante foi para Bolonha, já que a cidade de Florença não possuía universidades na época. Lá se aprofundou nas vertentes agostinianas e tomistas da teologia medieval¹⁶.

Dante passou a escrever um ano após a morte de seu pai, fato esse considerado importante por Giuseppe Mazzotta, pois com a morte do pai, Dante assumiu a liderança da família, que no período estava financeiramente frágil, e necessitou do auxílio de famílias nobres mais abastadas para se manter, e a utilização da poesia para Mazzotta foi a maneira que Dante encontrou de se aproximar de círculos de nobres e conseguir maior estima entre eles.¹⁷

A poesia de Dante, influenciado por seu mestre, se aproximou do estilo de poesia chamada de *dolce stil nuovo*¹⁸, que o mesmo utilizou principalmente para louvar o amor que sentiu por uma mulher, Beatriz Portinari, musa de inspiração do poeta presente em muito de seus poemas. De acordo com Giuseppe Mazzotta, Beatriz, provavelmente por pertencer a uma das famílias de maiores banqueiros de Florença, teve seu casamento arranjado com uma família da mesma categoria de nobreza. Somado ao fato de que os Alighieri estavam em precárias condições financeiras, o que colaborou para um casamento arranjado entre Dante e a filha dos tradicionais Donati. O casamento de Dante com Gemma Donati é contratado e celebrado com um instrumento *dotis* (contrato de dote) de 200 *liras di fiorini piccioli*. Ambos os cônjuges são inusitadamente jovens. Não está claro quando seu casamento é consumado. Os dois terão quatro filhos: Jacopo, Pietro, Antônia e Giovanni. Esses fatores tornaram a paixão de Dante

brasão da família Donati, uma das principais famílias guelfas tradicionais florentinas, e que apoiavam o papado. STERZI, Eduardo. **Por Que Ler Dante**. Globo, São Paulo, 2008, p. 33

¹⁴ Brunetto Latini (1220-1294). De importante família florentina, foi escritor, político e filósofo. Estava na Espanha, em 1260, quando os Sienenses derrotaram os guelfos florentinos, se estabelecendo depois na França. Volta a Florença em 1269, quando o partido guelfo é restabelecido, onde assume com Priore em 1287. CHAVES JUNIOR, Edgard de Brito. **Dicionário de personagens dantescos**. Rio de Janeiro, forense, 2009.

¹⁵ INF. XV, 85, p.112. Visando manter o padrão e a coerência poética, Todas as citações da Divina Comédia utilizadas neste trabalho foram feitas a partir da edição: ALIGHIERI, Dante. **Divina Comédia**. Tradução Ítalo Eugenio Mauro. Edição Bilíngue. Ed. 34, 2014

¹⁶ CONV. II, 12,7.

¹⁷ MAZZOTTA, Giuseppe. **Reading Dante**. New Haven, Yale University Press, 2014, p. 48.

¹⁸ Um estilo de poesia que mescla os aspectos trovadorescos (idealização da mulher amada, amor cortes), do franciscanismo (valor a sinceridade e a sinergia entre homem e natureza), valores aristotélicos de sabedoria e a poética siciliana de valorizar a poesia em língua vulgar. AUERBACH, Erich. **Dante, Poeta do Mundo Secular**. Trad. Raul de Sá Barbosa. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997

impossível de se consumir devido a posição social de ambos, apesar da escrita dantesca ter sido influenciada por uma prosa cortesã francesa, em que o amor destinado a mulher se pauta no amor platônico.

Dante passou a se envolver no meio político em 1295, cinco anos após a morte de Beatriz. No mesmo ano, Giano della Bella¹⁹ reforma o *Ordinamenti di giustizia* de 1293, fazendo inscrição em uma das guildas de Florença um pré-requisito para a participação na vida política da cidade. Pouco tempo depois, Dante inscreve-se *pro forma* na Arte de Medici e Speziali (a aliança de médicos e apothecaries) e entra na cena política florentina. Tornou-se então membro da guilda dos alquimistas, já que as novas regras políticas de Florença permitiam que apenas os homens adultos que pertencessem a alguma guilda podiam fazer parte das decisões políticas da comuna. Em pouco tempo envolvido na política comunal, Dante é admitido entre os cônsules de Florença, e em 1296 é eleito Capitão do Povo, e devido a dedicação ao cargo e a capacidade argumentativa do poeta que conseguia convencer nobres de ambos partidos, em 1300 Dante se tornou um dos priores de Florença.

Dante aconselha o Conselho comunal a recusar o pedido de assistência militar de Bonifácio VIII contra o Aldobrandeschi. Sua proposta passa por 49 a 32 votos. Dante é enviado a Roma como embaixador e teve como missão convencer o Papa Bonifácio VIII a não enviar o Conde Charles de Valois e os *Neri* à Florença. Em meio as disputas dos priores, Dante decidiu então tomar partido dos *Bianchi*, devido aos posicionamentos dos mesmos, que estavam buscando erradicar a influência papal na comuna e organizar acordos com o Império, para manter a autonomia de Florença. Esse posicionamento de Dante gerou uma revolta dos *guelfos* ligados ao *Neri*, que temiam que as posturas de Dante influenciassem os outros cônsules a apoiar os *Bianchi*, além das percas de privilegio que o fim da influência papal levaria ao partido. Esses novos fatos, somado ao histórico de rivalidade entre os dois partidos, foi o que culminou em um conflito armado em Florença entre famílias nobres ligadas aos *Bianchi* e aos *Neri*. Dante então, na posição de líder dos cônsules, expulsou os líderes de ambas as facções da comuna, inclusive nobres que auxiliavam sua família.

Essa decisão não foi bem vista pelo papado, que temendo perder a influência em Florença organizou um complô, junto aos *Neri*, contra os priores e cônsules. O Papa

¹⁹ Cidadão florentino, que ficou conhecido como um dos priores que mais implementou leis de autonomia da comuna de Florença. É banido da cidade em 1300 junto com Dante. CHAVES JUNIOR, Edgard de Brito. **Dicionário de personagens dantescos**. Rio de Janeiro, forense, 2009.

Bonifácio VIII então convocou Dante em 1301 e os demais líderes a esclarecerem os conflitos ocorridos e os motivos das expulsões. Enquanto os Priores e Cônsules estavam ausentes da comuna, os *Neri*, com auxílio do exército papal, invadiram Florença e expulsam a família de todos priores e líderes dos Bianchi. Acusaram ainda os Priores e Cônsules de corrupção, banindo-os da Comuna e os sentenciando à fogueira, caso retornassem. Dante recebeu a notícia enquanto estava a caminho de Florença e não pôde retornar à cidade. Chegava ao fim a carreira política e a estadia de Dante em Florença.²⁰

Expulso da cidade que nasceu e viveu e se recusando a aceitar qualquer tipo de acordo com os *Neri*, Dante buscou alternativas de retornar a Florença:

Logo após o decreto de sua expulsão, Dante e outros guelfos brancos tentaram se organizar para retomar a cidade, buscando para tanto o apoio de gibelinos da Toscana. Contudo, em 1304 um assalto a Florença fracassou e os desentendimentos entre os exilados aumentaram, levando Dante a se afastar deles. A partir de então o Poeta passou a vagar de corte em corte, buscando mecenas que o apoiassem e sempre esperançoso de voltar à sua Florença.²¹

Dante - assumidamente orgulhoso - se recusou a aceitar os acordos dos *Neri* que o aceitariam de volta à Florença, desde que o mesmo assumisse ser culpado da acusação de corrupção. Essa impossibilidade de retorno e a necessidade de vagar pela Península Itálica prestando serviços para as cortes e comunas setentrionais, levaram Dante a reforçar seus posicionamentos políticos. Em sua obra *Convívio*, escrita alguns anos após o poeta ser exilado de Florença, Dante deixa explícito o seu amargor por Florença por lhe punir injustamente:

Ah, quem dera fosse do agrado do arranjador do universo que a razão da minha justificativa nunca tivesse existido! Assim, nem outros teriam cometido uma falha contra mim, nem eu teria sofrido injustamente a pena, digo, de exílio e de pobreza. Depois de ter sido do agrado dos cidadãos da mais bela e famosa filha de Roma, Florença, de me jogar para fora de seu doce seio – no qual nasci e fui nutrido até o ápice da minha vida, e no qual, com a sua boa paz, desejo de todo o coração repousar o ânimo cansado e terminar o tempo que me é dado –, fui por quase todas as partes em que essa língua se estende, peregrino, quase mendigando, mostrando contra a minha vontade o flagelo do destino, que muitas vezes costuma ser atribuído injustamente ao flagelado.²²

²⁰ FRANCO, Hilário Junior. **Dante, o poeta do absoluto**. Ateliê Editorial, São Paulo, 2000, p. 124.

²¹ Ibid. p. 36.

²² BRITO, E. F. **Tradução parcial e comentada do Convívio de Dante**. TradTerm, São Paulo, v. 20, dezembro/2012, p. 68-94

As colocações contra as influências políticas do papado e as críticas aos Papas Bonifácio VIII e Clemente V se intensificam em suas obras após o exílio, Dante passou a ver no Sacro Império Romano Germânico a salvação da Península Itálica, e no monopólio de poder político do Imperador uma solução para as disputas entre *guelfos* e *gibelinos*. E não gozando mais do apoio político e financeiro que outrora possuiu em Florença, Dante investiu suas forças nos seus escritos, para expressar, além de tudo, os remorsos e esperanças que nutria sobre Florença.

E em 1308 o Imperador Henrique VII começa uma campanha de visita e possível anexação da Península Itálica. Dante, a serviço de diversas comunas não se mantém em silêncio perante o episódio, e escreve diversas epístolas para o Imperador, lamentando a demora de sua chegada, e mais tarde, após Florença enviar um comunicado às tropas imperiais dizendo que não aceitariam o Imperador na comuna florentina, o poeta também escreveu amaldiçoando sua terra. Entretanto, a pressão imperial foi uma ruína de Henrique VII, que não conseguiu o apoio que esperava obter das comunas e não possuiu tropas suficientes para invadir Roma, restando ao Imperador apenas uma visita formal ao Papa, e o pedido de bênção. Em sua volta ao Império, em 1313, em meio a batalhas e desvios, o Imperador morre. É o fim do sonho de unificação de Dante.

O poeta então passa a oferecer seus serviços a mecenas que o protegessem. É aceito em Ravena, onde trabalhou como diplomata e auxiliou a impedir diversos conflitos entre *guelfos* e *gibelinos* na região da Toscana. A fama do poeta na área política, juntamente com a morte de Clemente V e do Imperador Henrique VII, fizeram com que os priores de Florença repensassem a punição dada a Dante e o chamassem novamente a cidade. O poeta recusou a oferta alegando que somente com pedidos de desculpas formais da comuna ele retornaria. O pedido nunca foi feito, e o orgulho de Dante não agrada os priores, que aumentam a pena do poeta para decapitação caso se aproximasse de Florença²³. Dante então passou seus últimos anos de vida servindo a comuna de Ravena, até ser acometido de uma doença em uma de suas viagens marítimas (hoje reconhecida como malária) e morreu aos 56 anos.

²³ As motivações da recusa de Dante não são de consenso entre os estudiosos, alguns como Hilário Franco Jr e Richard Lewis afirmam que o orgulho de Dante foi o causador da recusa, enquanto Eduardo Sterzi e Giuseppe Mazzotta apontam que o temor de ser traído ao retornar à Florença possa ter influenciado o poeta em sua decisão.

1.3 A OBRA

Exilado de Florença, humilhado politicamente e obrigado a vagar pela Península Itálica, Dante, entretanto passou pelo momento mais produtivo de sua vida como escritor. Escreveu *Doces Rimas* (1294), *De Vulgari Eloquentia* (1302-1305), *Convívio* (1304-1307), *Monarchia* (1318)²⁴, algumas rimas e a obra pelo qual seria posteriormente conhecido mundialmente, a *Divina Comédia* (1306-1321). E em todas essas obras o amor e rancor por Florença está evidenciado em sua escrita. E a *Divina Comédia* em específico, é carregada da sua relação com o exílio e os conflitos políticos que presenciou.²⁵ Essa obra, que ocupou o poeta durante toda sua vida de exilado, é marcada pelas questões que mais angustiaram e encantaram a vida do poeta: o *dolce stil nouvo*, Beatriz, Virgílio, a teologia/filosofia, os pecados humanos e Florença.

A *Divina Comédia* é um poema composto por cem cantos que é dividido em três livros; *Inferno*, *Purgatório* e *Paraíso* (com cada livro possuindo 33 cantos, adicionando o canto de introdução no *Inferno*). O poema é estruturado no esquema de tercetos de decassílabos rimados, de acordo com o estilo ABA BCB CDC, seguindo dessa maneira, o esquema métrico correspondente ao número três.²⁶ E esse modo estrutural da *Divina Comédia* evidencia a concepção que Dante pretendia passar em sua obra, mostrando a importância proposital dada ao número três em inúmeros aspectos do trabalho. Mostra ainda a força da simbologia que o autor buscou retratar com a própria estrutura do poema sendo similarmente organizada a uma catedral gótica (a simetria exigida na geometria matemática medieval); composta internamente por discussões e reflexões acerca dos limites humanos (a base da filosofia aristotélica) e que tem como fim a compreensão do primo amor divino (o fim máximo da teologia).

A nível narrativo, a *Divina Comédia* conta a viagem de Dante (personagem) nos três reinos do mundo dos mortos (*Inferno*, *Purgatório* e *Paraíso*) em busca de reencontrar sua amada Beatriz e de se redimir da “selva escura” a qual se encontrava. Em sua jornada, Dante é guiado pelo poeta romano Virgílio no *Inferno* e *Purgatório* e, posteriormente, por Beatriz e São Bernardo no *Paraíso*.

²⁴ Todas as possíveis datas da composição das obras dantescas estão apoiadas na cronologia da obra de Dante feita por Eduardo Sterzi. STERZI, Eduardo. **Por Que Ler Dante**. Editora Globo, São Paulo, 2008, p. 44-47.

²⁵ ROMERO, Mariana Amorim. A *Divina Comédia* de Dante Alighieri. In: **Grandes Epopeias da Antiguidade e do Medieval**/ org. Dominique Santos. – Blumenau: Edifurb, 2014, p. 331.

²⁶ DISTANTE, Carmelo. Prefácio. In: **Divina Comédia: Inferno**. Tradução Ítalo Eugenio Mauro. Ed. 34, 1998, p. 12.

O primeiro reino que Dante passa, o infernal, é estruturado de acordo com a cosmologia cristã/ptolomaica²⁷ de que Lúcifer, ao ser expulso dos céus, cai na terra e o impacto de sua queda cria uma cratera, composta por sete círculos, e o mesmo é selado no fundo desse fosso, sendo criado assim o inferno. Nesse espaço, Dante passa pelos sete círculos infernais guiado pelo poeta Virgílio e se encontra com personagens históricos e fictícios que estão recebendo punições por terem desobedecido as leis divinas. No Inferno, Dante buscou retratar o terrível futuro reservado para aqueles que deturpassem, ignorassem ou desobedecessem aos desígnios divinos.

Seguindo a cosmologia cristã/ptolomaica, o Purgatório se situa no lado oposto do globo terrestre, cercado pelo mar, possuindo uma montanha com sete círculos, formada devido ao deslocamento de terra causado pela queda de Lúcifer do outro lado do globo. Nesse espaço, Dante e Virgílio encontram pessoas que em vida se arrependeram de seus pecados, porém estão a purgar as penitências por seus erros antes de poderem ir para o reino celeste. Nessa parte da jornada, Dante tenta mostrar dentre outras coisas, o sacrifício necessário para se arrepender dos pecados cometidos e as recompensas obtidas por esse esforço.

Enquanto isso, no Paraíso, que é a soma de todos os espaços celestes (céu, lua, planetas e o sol), Dante, agora na companhia de sua musa Beatriz, caminha por todas as esferas do mais belo reino divino para a cada diálogo com os moradores desse espaço compreender melhor as maneiras que o divino se manifesta no mundo terreno e os benefícios obtidos por aqueles que seguem, e entendem, as doutrinas divinas.

Os três reinos - por mais que separados fisicamente (e Dante atribui a cada um deles um livro específico) - estão conectados simbolicamente e são respostas paralelas às escolhas humanas. Os três reinos são estruturados por 7 seguimentos; o inferno trata dos pecados mortais; o purgatório dos pecados veniais; enquanto no paraíso estão os merecedores da beatitude. Esses espaços possuem a punição, purgação e benção (respectivamente) como pagamento pelas ações praticadas em vida. Os três reinos são conectados, pois são complementares um ao outro, para criar e justificar uma forma de

²⁷ “Pela cosmologia dos tempos de Dante, herdada de Aristóteles e Ptolomeu e adaptada pela escolástica às escrituras, a Terra era representada como um globo solto e fixo, imóvel no espaço, contendo terras e mares e envolvido por uma atmosfera própria, isolada do espaço restante. Acreditava-se que esse globo era constituído por um hemisfério superior (setentrional) de superfície predominantemente sólida, o único habitado, e que o inferior (austral) seria quase todo marinho, tendo unicamente em seu centro a montanha do Purgatório. ” In DISTANTE, Carmelo. Prefácio. In: **Divina Comédia: Inferno**. Tradução Ítalo Eugenio Mauro. Ed. 34, 1998, p. 18.

moralidade humana a ser seguida em vida, como aponta Carmelo Distante em relação aos propósitos da escrita dantesca:

A razão da viagem está no fato de ele, com a Comédia, propor uma redenção moral da humanidade que via submetida ao apego aos bens terrenos e as paixões mundanas e, portanto, destinada à perdição eterna. Assim, para despertar nos homens a consciência da redenção, isto é, a consciência de que, se quisessem salvar-se espiritualmente, era necessário parar de perseguir os bens mundanos e voltar-se para os bens celestiais, os únicos que podiam fazer os felizes na terra e bem-aventurados na vida eterna, o poeta decide compor um poema em que fossem mostradas as penas a que seriam condenados pela inflexível justiça de Deus se morressem submetidos a esse ou aquele pecado e, por outro lado, a bem-aventurança que Deus espargiria se apresentassem ao seu juízo, ao mesmo tempo terrível e misericordioso, libertos do apego aos falsos e enganadores bens temporais. E esse fim escatológico e salvador propõe alcançar com uma descrição figurativa do além-túmulo. Desse modo, podemos, e devemos dizer que a Comédia, é em essência um grande livro escrito para a salvação moral da humanidade...²⁸

A escrita da *Divina Comédia* é repleta de linguagem simbólica. Dante se utiliza do estilo poético das rimas clássicas gregas e romanas e o mescla com a simbologia dos escritos bíblicos e a teologia cristã medieval para formar sua narrativa. Harold Bloom aponta o estilo comumente utilizado pelos poetas medievais e a diferença com a escrita teológica:

Na alegoria dos poetas, o primeiro sentido ou sentido literal é uma ficção, e o segundo, ou alegórico, é o verdadeiro (...) na alegoria bíblica ou teológica, o sentido literal é verdadeiro e histórico, e o segundo sentido, ou alegórico, é espiritual sendo uma interpretação do fato e da história.²⁹

Entretanto, Dante não somente se utilizou dessa técnica poética na *Divina Comédia*, como a fundiu com a escrita teológica, tornando sua obra repleta de linguagem simbólica em que o “real” e o “fictício” atuam em sincronia, sem a delimitação concreta entre um e outro.

Nesse sentido, Dante incorpora muito bem o estilo de escrita tipicamente medieval apontado por Jacques Le Goff, que herda dos gregos a narrativa épica, dos romanos a incorporação das discussões políticas nos poemas, dos escritos bíblicos os elementos proféticos e os mescla com a cosmologia da teologia medieval.³⁰ O próprio

²⁸ DISTANTE, Carmelo. Prefácio. In: **Divina Comédia: Inferno**. Tradução Ítalo Eugenio Mauro. Ed. 34, 1998, p. 13

²⁹ BLOOM, Harold. De Homero a Dante. In: **Abaixo as Verdades Sagradas**. São Paulo, Companhia das Letras, 2012, p. 49.

³⁰ LE GOFF, Jacques. Prelúdio: Antes da Idade Média. In: **Raízes medievais da Europa**. Rio de Janeiro, vozes, 2007. p. 24-25.

Dante expõe em seu poema o quanto é herdeiro desses estilos narrativos ao se considerar um sucessor de Homero, Horácio, Virgílio, Lucano e Ovídio:

Assim o belo grupo vi formado
Da escola do senhor do excelso canto
Cujo voo, como d'águia, é incontestado

Longo foi seu colóquio, e entretanto
Acenavam a mim, e eu vi o prazer
No sorriso do Mestre meu, portanto

O privilegio iriam me conceder
Da acolhida na sua comunidade.
E assim fui o sexto em tanto saber.³¹

É nessa construção narrativa por meio de linguagens simbólicas que permeiam tanto o literal quanto a alegoria, que Dante utilizou nos espaços dedicados à punição, purgação e salvação, conexões que possuem como fim retratar possibilidades de determinado aspecto moral e demonstrar os resultados que o ser humano tem ao utilizar o seu livre arbítrio.³² Dante mescla o profético³³ e o teológico para retratar e explicar as disputas políticas que o mesmo sentiu em Florença.

E o poeta da *Divina Comédia* se utilizou dessa forma narrativa ao retratar a violência humana, que ele coloca como centro de seus cantos em três espaços específicos, no sétimo círculo do inferno em que se localizam os violentos contra a natureza; no terceiro terraço do purgatório com os que por excesso de amor cometeram pecados da violência, e na quinta esfera do paraíso em que os que lutaram bravamente pela fé recebem sua recompensa.

³¹ INF. IV, 94-102, p.46.

³² MAZZOTTA, Guisepe. **Reading Dante**. New Haven, Yale University Press, 2014. p.78.

³³ Alguns estudiosos (Harold Bloom, Ernest Curtius) consideram que a escrita de Dante foi influenciada pelo profetismo, que mesclando aspectos políticos e religiosos, considerava a vinda de uma nova resposta para os conflitos políticos em seu tempo. In: FRANCO, Hilário jr. **Dante, o poeta do absoluto**. São Paulo, Ateliê, 2000. p. 83-84.

CAPÍTULO 2 – A MORAL POLÍTICA DE DANTE NOS CANTOS XVI DA *DIVINA COMÉDIA*: a violência pune, purga e salva

1.1 VIOLENCIA CIVICA E VIOLENCIA INSTITUCIONAL

A crescente violência nas comunas medievais sofreu um processo de normatização no início do século XII, passando a ser utilizada como instrumento de poder que atravessou de formas diversas e constantes a Península Itálica medieval, seja por meios institucionais (Igreja, comunas, reinados) ou nos cívicos (conflitos por vingança, por honra ou disputas entre famílias). E em um território em que as tentativas de consolidação de instituições se deram por meio da violência, a mesma passou a ser justificada em determinadas situações por esses órgãos de poder, e inúmeras vezes assimiladas nas relações cotidianas. A própria noção de violência é datada de registros comunais italianos do início do século XIII, derivada do latim *vis*, que significa “força” ou “vigor”, e caracteriza um ser humano de carácter irascível e brutal. A violência define também uma relação de força que visa submeter ou constringer o outro.³⁴

Nesse contexto, a violência se tornou um assunto frequentemente centro de debates e anexo às leis e práticas comunais, e a Igreja Romana buscou uma adaptação a esses conflitos e se utilizou da influência que possuía para incorporar na ordem religiosa medidas que tornassem válido o uso da violência. Para isso passou por uma reformulação de significados durante a Idade Média. Adotou conceitos da antiguidade como a ideia de *Pax* romana; mesclou conceitos de violência, geralmente ligados aos aspectos jurídicos romanos e os adaptou com as significâncias teológicas da Igreja Católica³⁵. Como bem define Demurger:

A Igreja teve de refinar sua reflexão sobre a guerra e o uso da violência; teve de levar em conta evoluções sociais que, com o desenvolvimento da feudalidade e da cavalaria, marcam a sociedade cristã do século do ano 1000.³⁶

³⁴ MUCHEMBLED, Robert. O que é violência? In: **Uma História da violência: do fim da Idade Média aos nossos dias**. Edições 70, 2014, p. 13.

³⁵ BARROS, José D'Assunção. **Papas, imperadores e hereges na Idade Média**– Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 58.

³⁶ DEMURGER, Alain. **Os Cavaleiros de Cristo**. Rio de Janeiro, Zahar, 2007, p. 40.

Formas essas que a Igreja começou a adaptar aos seus códigos durante os séculos X-XI e os consolidou no século XIII. A Igreja passou a se situar, dessa maneira, entre a manutenção da violência e repressão da mesma. Deus passou a ser também uma representação do monopólio da violência e a significar a justiça e punição.

A violência passou a ser atrelada à ideia de justiça, sacrifício e piedade quando aplicadas para o bem, e à heresia, animalidade e maldade, quando associadas ao mal.³⁷ No âmbito político, as comunas e reinados, por meio de leis e normas sociais, determinaram quais fronteiras a violência não deveria ultrapassar. Além disso, as comunas estruturaram normas que consolidaram a honra da cidade de maneira que, quando essa integridade moral era ferida por indivíduos ou grupos importantes socialmente que praticavam algo que desonravam ou colocavam em risco a comuna, o mesmo não estava somente ferindo sua integridade, mas também a da cidade a qual pertencia.³⁸ A violência humana se estende dessa maneira às cidades.

A constante utilização de força física e poder para resolução de conflitos políticos foi uma marca frequente na trajetória do florentino Dante Alighieri (1265-1321). Os assassinatos entre membros de famílias rivais causaram guerras civis durante todo século XIII da comuna de Florença, e as disputas entre *guelfos* e *gibelinos* só fez crescer esses conflitos. Tudo isso foi somado ao crescimento populacional de quase 100% que a comuna sofreu no início do século XIII e que contribuiu com que se aumentassem os crimes, e por consequência, a violência urbana.³⁹ Não somente o interior de Florença sofreu com o aumento da violência, mas a disputa territorial entre Papado e Sacro Império levou ao crescimento do número de conflitos armados. Dante, assim como muitos de seus contemporâneos, percebeu tal crescimento, já que seu desejo de uma comuna pacífica foi constantemente confrontado pelas disputas entre famílias guelfas e gibelinas, que desequilibravam a autoridade política e militar da comuna florentina.

Essa violência cada vez mais institucional se tornou um dos assuntos mais debatidos pelo poeta que a considerou instrumento fundamental dos governantes para domínio e controle de uma sociedade. Dante quando se refere à mesma na *Divina Comédia*, em que o poeta criou um círculo específico no inferno para os que praticaram

³⁷ RICHARDS, Jeffrey. **Sexo, desvio e danação: As minorias na idade média**. Rio de Janeiro, Zahar, 1993, p. 26.

³⁸ GILLI, Patrick. **Cidades e sociedades urbanas na Itália medieval: (séculos XII-XIV)**. Campinas: Editora da Unicamp; Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011, p. 87.

³⁹ LE GOFF, Jacques. **Raízes medievais da Europa**. Rio de Janeiro, vozes, 2007, p.147

violência, além de hierarquizar o nível de penitência de acordo com a violência praticada. O poema separa as violências em: praticadas pela vontade humana; pelo excesso de amor e as feitas em nome de Deus. O poeta categorizou e dividiu a violência e suas formas de organização no *Inferno*, mostrou que elas podem ser perdoadas no *Purgatório*, e explicou os benefícios que podem surgir dela no *Paraíso*.

Dante para entender melhor as problemáticas que o cercavam buscou auxílio em dois pilares comumente visitados pelo homem medieval europeu, a antiguidade grega e os santos medievais cristãos. O poeta mesclou, na *Divina Comédia*, duas concepções filosóficas para entender o papel da violência na sociedade. Uma é a ideia que Aristóteles (384 a.C – 322 a.C) aplicou em seu livro *Metafísica*, em que o filósofo grego categoriza que a violência humana faz parte de um todo no mundo, e por esse motivo ela possui propósito de existir se utilizada da maneira correta; outra é a noção que Tomás de Aquino (1225 – 1274) utilizou no livro *Suma Teológica*, de que a guerra e a utilização da violência podem ser justas aos olhos divinos, se seguirem certas regras e propósitos.

Uma das concepções de violência em que Dante se baseou, retirada da *Metafísica*, era do filósofo grego Aristóteles que conceituou a violência praticada pelos humanos em três categorias: a primeira é a violência como algo que se volta contra a natureza; a segunda como algo sem o qual não se pode fazer o bem; e por último, a violência sendo algo absoluto, sem o qual não se pode aplicar de outro modo.⁴⁰ Essa concepção coloca a violência como um aspecto natural da sociedade, e que por ser natural pode ser utilizada para o mal (se mal aplicada) ou para o bem, se usada da maneira correta.

Aristóteles conceitua a necessidade como algo que se pauta em que todas as coisas existentes no mundo são naturais e por isso possuem um propósito. Categoriza ainda as ações praticadas no universo possuem um propósito positivo para o próprio universo, mesmo quando aparentemente apenas negativas:

(...) o que é obrigação se diz necessário e por isso também doloroso (...) E a necessidade parece ser algo inflexível, e com razão, porque se opõe ao movimento decorrente da deliberação e do raciocínio.⁴¹

⁴⁰ ARISTOTELES, *Metafísica*, Edições Loyola, São Paulo, 2002. V, 1015, p. 200-202.

⁴¹ Ibid. p. 203.

Essa concepção de um universo com leis absolutas, com situações de sofrimento para os que habitam esse espaço, porém com uma lógica que demonstra que mesmo o sofrimento possui um propósito, seja ele negativo ou positivo, foi aceita e utilizada por Dante e muito de seus contemporâneos intelectuais da Igreja e das Comunas. Eles enxergavam nos textos aristotélicos um reflexo da crescente institucionalização da violência e a resposta de como praticá-la sem fugir dos preceitos divinos.

O outro pilar utilizado na *Divina Comédia* de Dante é a *Suma Teológica* do teólogo Tomás de Aquino. Frade italiano do século XIII, foi o grande introdutor dos estudos aristotélicos na teologia cristã. Das obras tomistas, a *Suma Teológica* foi durante a idade média a obra mais divulgada e usada como fonte por mosteiros medievais para maior compreensão dos desígnios divinos sobre como viver sem cometer pecados. Do texto de Tomás de Aquino, Dante se apoia principalmente na segunda parte do segundo livro, em que o mesmo aborda sobre em qual contexto o ato da guerra e da utilização de violência para se obter controle é justa.

A ideia de Tomás de Aquino é que a guerra, sendo um pecado perante a sagrada escritura, não deve ser praticada por nenhum cristão, já que a mesma vai contra a virtude da paz pregada por Deus. Entretanto, alguns grupos (infiéis, hereges e pecadores) podem se utilizar da força e do poder para ir contra a obra divina, dessa forma, se faz necessário que seja permitido ao cristão, guerrear para proteger a paz. Tomás de Aquino elenca três condições que categorizam a guerra e a violência sobre o outro sendo justa perante Deus, são elas: A autoridade de um Príncipe para ordenar o ato; a culpa visível sobre aquele que se pratica a violência e a intenção de promover a paz por parte daquele que levanta a espada⁴².

O frade italiano Tomás de Aquino teve seu desenvolvimento intelectual fortemente influenciado pelo contexto urbano em que viveu. O século XIII foi o momento em que as universidades ganharam espaço na Europa graças ao fluxo crescente nas cidades, que possibilitou Tomás desenvolver sua teologia em meio a outros intelectuais, artistas e políticos⁴³. Essa dinâmica dos espaços de conhecimentos (Universidades, Mosteiros e Fóruns políticos) estarem mais próximos, foi em parte o que permitiu que Tomás de Aquino mesclasse de maneira direta a teologia, arte e política em seus estudos.

⁴² AQUINO, Tomás De. Tomo II, In: **Suma Teológica**. São Paulo: Loyola, 2001, II-II, q. 40, a. 1

⁴³LE GOFF, Jacques. **Os intelectuais na Idade Média**. Trad. Marcos de Castro. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

Por ter passado sua vida entre comunas, reinos italianos e franceses, que Tomás de Aquino se preocupou que a Teologia explicasse para além de como os homens deviam agir, mas também como a mesma devia auxiliar nas normas que mantivessem dignidade e ordem da cidade. Isso fica explícito na passagem em que o teólogo responde sobre quando a violência deve ser utilizada para o bem:

A autoridade do príncipe (aqui se deve entender a autoridade legitimamente constituída), sob cuja ordem deve-se fazer a guerra. Não compete a uma pessoa privada declarar uma guerra, pois pode fazer valer seu direito no tribunal de seu superior; também porque convocar a multidão necessária para a guerra (novamente aqui se deve entender as forças armadas do país) não compete a uma pessoa privada. Já que o cuidado dos negócios públicos foi confiado aos príncipes, a eles compete velar pelo bem público da cidade, do reino ou da província submetidos à sua autoridade.⁴⁴

Essa preocupação evidente para com as limitações da violência e a especificação da autoridade cidadina para utilização da violência, mostra o cuidado de Tomás de Aquino em colocar a violência nos parâmetros divinos e nas mãos dos governantes, para assim se manter a ordem espiritual e urbana.

Esses dois conceitos, da violência como parte do mundo físico e por isso necessária no mesmo, e a utilização da força para desígnios divinos, foram incorporadas na *Divina Comédia* de Dante. Demônios torturam os homens no Inferno, Anjos mostrando por meio da força quais foram os pecados humanos e locais específicos de glória para os que souberam usar a violência em vida. Além disso, a violência para Dante se assume tanto no campo do físico (violência contra o corpo de outro); quanto na violência simbólica (ferir com a moral/orgulho de alguma instituição); e a violência divina (praticar violência em nome de Deus).

E o poeta demonstra essas concepções de violência não só por meio da violência institucional, mas também com a violência cívica, que se apresenta por meio da ideia de humanismo cívico⁴⁵. Embora haja divergências teóricas acerca de sua aplicação na idade média, em que alguns diferenciam o pensamento italiano dos séculos XII-XIII, afirmando que o humanismo cívico florentino era essencialmente retórico, pautado muito mais em ideais do que nas formas políticas em si; porém, por meio da perspectiva de que qualquer período de transição mescla os pensamentos tradicionais com as novas ideias, este trabalho se pauta nas concepções de KRISTELLER (1995) e GILLI (2011),

⁴⁴ AQUINO, Tomás De. Tomo II, In: **Suma Teológica**. São Paulo: Loyola, 2001, II-II, q. 40, a. 1

⁴⁵ A ideia do humanismo cívico é uma contraposição ao pensamento medieval escolástico, e se pauta em retirar das ações humanas o caráter divino e atribuir à razão as consequências dos atos dos homens. KRISTELLER, Paul. **Tradição clássica e pensamento do Renascimento**. Lisboa, Edições 70, 1995, p. 22.

de que a ideia de República e governo misto já existiam séculos antes do Renascimento e se manifestava na escrita de intelectuais como Tomas de Aquino, que partia de conceitos aristotélicos, além dos escritos de Dante.⁴⁶ Partindo dessa perspectiva, as consequências da violência dos homens não estão apenas associadas ao julgo divino e de seus representantes (Igreja e Reis), mas agora também devido as próprias escolhas humanas.

A ideia é elaborada pelo poeta na construção sobre a honra e a moral, que estão sendo deixadas de lado e com isso quebrando a ordem social. Dante se preocupa dessa maneira com a forma que os habitantes florentinos seguem por meio de novas leis que não priorizam a velha ordem, mas sim questões particulares. Dante vai contra as leis comunais favorecerem novos nobres, pois os mesmos não possuem a tradição de manter a honra e dignidade da comuna, mas somente em crescer sua própria fortuna. Ideias essas usadas frequentemente pelo poeta durante toda *Divina Comédia*, em especial nos cantos XVI de cada livro, em que o enfoque do poeta está em mostrar os efeitos que a violência pode afetar a sociedade florentina.

1.2 REPRESENTAÇÕES DO IDEAL POLÍTICO DE DANTE NOS CANTOS XVI DA DIVINA COMÉDIA

Os três livros que compõem a *Divina Comédia* (*Inferno*, *Purgatório* e *Paraíso*), foram envoltos pela proposta da redenção cristã que seu autor buscou alcançar. A tríade dos reinos dos mortos que protagonizam o poema épico do poeta, com uma jornada que pune, purga e salva os humanos de acordo com suas práticas em vida, está repleto de florentinos no caminho, que vão diminuindo à medida que se aproxima do reino dos céus. As conversas que Dante tem com seus contrerrâneos sempre estão ao redor de como a Itália foi violentada por seus habitantes e transformada em uma terra sem honra e violenta, que como uma prostituta se vende a quem lhe oferecer mais dinheiro:

Ah! Serva Itália, albergue de pesar,
Nau sem piloto em borrasca funesta,
Não dona de nações, mas lupanar!⁴⁷

⁴⁶ Ibid. p. 22-26.

⁴⁷ Purg. 6. 76-79.

Esse sentimento é exposto pelo poeta em toda *Divina Comédia*, em que fica explícito o amor que Dante sente pela cidade, o rancor por ter sido exilado e a angústia pelos rumos que ele julga ver a comuna tomando.⁴⁸ Em especial os cantos de número XVI de cada livro expressam bem essa preocupação que Dante possuía por sua terra. Esses cantos possuem forte apelo político e críticas à comuna florentina, devido aos rumos que o poeta julgava impróprios para cidade, e quais as causas o mesmo atribuía a esse declínio comunal.

Por volta de 1294, em suas *Doces Rimas (1294)*, Dante afirma que a verdadeira nobreza reside na virtude, não na linhagem ou na riqueza antiga. Nesse poema, Dante especificamente aponta para a definição de nobreza como “dinheiro velho e boas maneiras”: “riqueza ancestral / com boas maneiras”.⁴⁹ Ele critica aqueles que pensam que obtêm valor e nobreza da riqueza e status herdados:

E tão entranhado
essa falsa visão que se torna entre nós
que se chama outro nobre
se ele pode dizer "eu sou o filho, ou
neto, de tal e tão digno homem",
apesar de ser ele mesmo nada.⁵⁰

Entretanto, no canto XVI do Inferno, Dante parece se afastar da posição que possuía em *Doces Rimas*, em que o dinheiro antigo não confere status especial. Ao ir contra o novo povo e o dinheiro novo que trazem “arrogância e excesso” para a cidade, Dante sugere ter uma apreciação maior na *Divina Comédia* para com as famílias antigas do que em suas poesias anteriores. Isso se deve as mudanças na vida do poeta, que em 1294 era um proeminente político de Florença que regulava os conflitos da nobreza, e já durante a escrita da *Divina Comédia*, era um exilado e amargurado com os rumos que os *guelfos* Neri (em sua maioria novos nobres) tomaram para com Florença.

Os novos nobres de Florença eram talvez um incomodo maior para Dante, em relação ao seu status pessoal, do que a aristocracia mais antiga. Sua própria posição social como membro de uma família não-abastada que reivindicava antecedentes nobres era bastante precária, e deve ter sido difícil para Dante, descendente de uma família um

⁴⁸ FRANCO, Hilário jr. **Dante o poeta do absoluto**. São Paulo, Ateliê, 2000, p.48

⁴⁹ possere antica d'avere / con reggimenti belli. ALIGHIERI, Dante: **Le Dolci Rime**. Firenze: Biblioteca dei Classici italiani di Giuseppe Bonghi, 1996.23-24; tradução própria).

⁵⁰ ed è tanto durata / la così falsa oppinion tra nui, / che l'uom chiama colui / omo gentil che può dicere: 'Io fui / nepote, o figlio, di cotal valente ', / benché sia da niente. ALIGHIERI, Dante: **Le Dolci Rime**. Firenze: Biblioteca dei Classici italiani di Giuseppe Bonghi, 1996, p. 32-37; tradução própria.

pouco marginal, assistir à rápida ascensão de famílias que cresciam sem seguir todas tradições da nobreza florentina.⁵¹ Adicionando à sensibilidade de Dante às “novas gente” estaria o declínio da fortuna de sua família, pois os ancestrais de Dante alcançaram status aristocrático no tempo de Cacciaguida e Alighiero I, enquanto o ramo mais novo da família perdeu posição nobre nas décadas seguintes.

Em face disso, é importante ressaltar que para Aristóteles, a média entre avareza e prodigalidade está na virtude da liberalidade, uma virtude de enorme ressonância para o *ethos* da cavalaria e para a própria teoria de Dante sobre a "verdadeira" nobreza (cuja definição é exposta por ele no *Rimas Doces* e depois detalhadamente elaborada no livro 4 do *Convívio*). É possível ver como o modelo aristotélico permita uma fácil apropriação da parte de Dante no que se refere à ética na esfera moral e filosófica para a ética na esfera social e histórica.⁵²

O canto XVI do *Inferno* se situa no 7º círculo infernal, onde são punidos os violentos, e nesse canto específico os violentos contra natureza, os sodomitas. A forma que Dante categoriza a sodomia no inferno segue em sentido inverso à forma tradicional que a Igreja Católica conceituava, pois, o poeta não se serviu dela para se concentrar no pecado sexual, mas sim como uma alavanca para denunciar a corrupção dos famosos florentinos, um modo de evidenciar seus comportamentos que prejudicaram a comuna. Todos os homens que Dante coloca no círculo da sodomia foram grandes cidadãos, dignos de reverência na sociedade italiana.⁵³

No canto XVI do *Inferno* as críticas de Dante centram-se na “orgoglio e dismisura” da gente nova. A palavra “dismisura” é o equivalente vernáculo do conceito aristotélico de “incontinência”: refere-se à falta de medida (*misura*) e, portanto, ao excesso. “Dismisura” no uso de Dante torna-se um termo genérico que abrange a doença abrangente do desejo superaquecido e intemperante capturado no conceito cristão e no conceito aristotélico de incontinência.⁵⁴

Nesse canto, Dante e seu guia Virgílio passam as margens do rio de fogo, o Flagetonte, e ao mesmo tempo se protegem de uma chuva de fogo que tenta os atingir. Nesse caminho eles encontram três sombras, que ao perceberem a vestimenta florentina

⁵¹ STERZI, Eduardo. **Por que ler Dante**. Globo, São Paulo, 2008, p. 34.

⁵² BAROLINI, Teodolinda. “**Inferno 16: Cortesia and Wealth Management (II)**.” *Commento Baroliniano, Digital Dante*. New York, NY: Columbia University Libraries, 2018, p.07.

⁵³ RICHARDS, Jeffrey. **Sexo, desvio e danação: As minorias na idade média**. Rio de Janeiro, Zahar, 1993, p.65.

⁵⁴ MAZZOTTA, Guiseppe. **Reading Dante**. New Haven, Yale University Press, 2014, p. 80-85.

de Dante, se identificam como Guido Guerra⁵⁵ (1220-1272), Tegghiaio Aldobrandi⁵⁶ (falecido em 1262) e Iacopo Rusticucci⁵⁷ (falecido após 1266). É importante salientar a forma que Dante se encontra com essas almas, pois a questão do status social é evidenciada pelo poeta, que dá atenção ao vestuário, que foi um importante indicador de status na sociedade florentina de Dante. Enquanto o poeta reconhece um companheiro florentino através de sua dicção no *Purgatório*, essas almas reconhecem um cidadão da Florença através de suas vestes: “Pára, tu que por vestes conhecidas / pareces ser de nossa terra prava”⁵⁸.

Embora a questão de Florença como uma “terra prava” seja desde o início destacada no encontro com os sodomitas florentinos e pelos próprios pecadores, o narrador continua a enfatizar o elevado status social que eles recebiam na sociedade. Mesmo Virgílio, diz que esses pecadores deveriam ser tratados com cortesia e acrescentando, que se não fosse pela natureza do lugar em que se situam, seria mais apropriado para Dante correr em direção a eles do que o contrário: “A natureza do lugar, diria / Que a pressa deles mais a ti coubera”.⁵⁹

Dante deixa claro nesse canto a queda da dignidade humana por meio dos florentinos que encontra. Isso é destacado quando o poeta compara os nobres a lutadores nus, engraxados e prontos para a luta:

Ao pararmos, a velha litania
Retomaram e, logo a nós chegados,
Formaram em roda, como a que associa

Os campeões lutadores, nus e untados,
Guardando a hora do golpe revés,
Antes de serem todos esmurrados⁶⁰.

⁵⁵ Ele passou algum tempo na corte de Frederico II da Hohenstaufen, onde se tornou um dos conselheiros do soberano, embora depois de voltar a Florença ele abraçou com convicção o partido Guelfo, tornando-se um dos principais líderes, além de homem de confiança do Papa Inocêncio IV. A partir de 1248, foi Capitão Geral da Santa Sé.

⁵⁶ Não se tem registros da data de seu nascimento. Foi prefeito de San Gimignano sobre o mandato imperial e prefeito de Arezzo (1256); Ele lutou na batalha de Montaperti como guelfo. Ele tinha aconselhado contra o ataque de Siena, mas seu conselho não foi ouvido e foi a derrota da sua facção. Ele morreu no exílio em Lucca em 1262.

⁵⁷ Há pouca informação histórica de sua biografia, sabemos que pertencia à facção dos Cavalcanti, e em 1254 foi promotor especial da cidade de Florença para as negociações com as outras cidades da Toscana. Em 1258, ele era o capitão do povo em Arezzo. A última carta sobre ele ainda estar vivo é mencionada em 1266.

⁵⁸ Inf. XVI.8-9.

⁵⁹ Inf. XVI.17-18.

⁶⁰ Inf. XVI.19-24.

A ironia dramática gira em torno do que essas famosas almas estão fazendo naquele espaço: que eram os mais nobres dos florentinos e ainda assim estão entre os sodomitas do inferno.

Ao identifica-las como antigos nobres florentinos, essas almas, ainda profundamente conscientes de sua própria importância passada na sociedade florentina, recorrem à fama em vida para serem bem tratados por Dante. Iacopo observa que a sua grande fama deve levar Dante a falar com eles: “que a nossa fama, se puder, te alente / a dizer quem és tu, que os vivos pés”.⁶¹ Além disso, o poeta também salienta a importância que eles tiveram em vida ainda vigorava por meio de seus escritos:

De vossa terra eu sou, e sempre ali
De vossas obras o alto contributo
Com afeto escutei e referi.⁶²

E essa importância que Dante atribui, muito reflete a noção de virtude cívica que o poeta aponta em toda *Divina Comédia*. A ideia de que as gerações anteriores são base para o desenvolvimento das futuras. No canto anterior do *Inferno*, Brunetto Latini (1210-1294), um dos mestres de Dante na sua juventude, diz a ele que teria apoiado sua “obra” se estivesse vivo. Vemos aqui não apenas um endosso não irônico das virtudes cívicas que Dante e Brunetto queriam, mas um senso das visões de Dante das obrigações geracionais que sustentam uma comunidade: a obrigação da geração anterior de ajudar e apoiar seus sucessores. E assim como no canto anterior, Dante mantém esse sentido no XVI canto infernal, ao colocar esses antigos nobres florentinos como referências⁶³.

Ao mesmo tempo, Dante leva o leitor a entender o fracasso da geração anterior. Dado que muitos dos grandes líderes da geração anterior são encontrados no Inferno, o poeta explicita que considerava as dificuldades sociais florentinas, fruto do mal desempenho dos florentinos passados, que negligenciaram o futuro da comuna⁶⁴. E, de fato, no que diz respeito aos grandes florentinos de quem Dante pergunta a Ciaccio no Inferno 6, muitos deles são encontrados por Dante em seu caminho no submundo: Farinata está entre os hereges no Inferno 10, enquanto Tegghiaio, Guido e Iacopo Rusticucci estão entre os sodomitas no XVI canto.

⁶¹ Inf. XVI.31-32.

⁶² Inf. XVI.58-60.

⁶³ BAROLINI, Teodolinda. “**Inferno 16: Cortesia and Wealth Management (II).**” *Commento Baroliniano, Digital Dante*. New York, NY: Columbia University Libraries, 2018.05.

Os nobres florentinos perguntam a Dante sobre o estado atual de sua cidade e enquadram sua consulta em termos de valores cortesãos:

Mas dize: cortesia ainda vigora
Em nossa terra, e o valor costumeiro,
Ou já, de todo, ambos caíram fora?⁶⁵

Dante responde à pergunta de Iacopo com sua análise do que tem sido a causa da corrupção florentina. Ele acredita que a cidade foi desestabilizada por novas pessoas com seu novo dinheiro. Dante culpa a decadência da cortesia florentina pelos novos ricos que mudaram a dinâmica dentro da cidade, trazendo “excesso e arrogância”:

A gente nova e a rápida fortuna
Geram o orgulho que ora se depara
Em ti, Florença, e que já te importuna!⁶⁶

Dante nesse ponto está apresentando não apenas a política urbana de sua cidade natal, mas o caráter de seus cidadãos mais elevados. Este mundo cortês (não o mundo urbano e mercantil da Florença contemporânea a Dante, mas um mundo mais antigo que os florentinos contemporâneos mantinham grande estima) é evocado na pergunta de Iacopo acerca da presença da cortesia e do valor na sociedade florentina.

Após receberem as notícias, as sombras se retiram em lamento e pedem a Dante que se lembrem deles de forma positiva. Dante mais afrente na *Divina Comédia* continua a falar sobre essa questão, em que o poeta se põe a favor dos que possuem privilégios da linhagem antiga sobre os novos-ricos. Assim, no Paraíso XVI, Dante retornará ao tema da “gente nova”, aquelas que têm dinheiro, mas não linhagem, cuja chegada arruinou Florença. Ao vincular a *Divina Comédia* a uma “Verdade com cara de mentira”⁶⁷, Dante define a Comédia: é a verdade que tem a aparência de uma mentira, mas que não deixa de ser sempre uma verdade.

O canto XVI do *Purgatório* se passa no terceiro terraço da montanha do purgatório, onde os que morreram por excesso de violência estão pagando seus pecados. Ao seguir em meio a nevoa junto a Virgílio, uma alma reconhece Dante como um conterrâneo italiano devido a língua, esse se chama Marco Lombardo.⁶⁸ O terraço em que se encontram é coberto de fumaça, o que faz Dante não conseguir enxergar o

⁶⁴ Ibid. p.07.

⁶⁵ Inf. XVI.67-69.

⁶⁶ Inf. XVI. 73-75

⁶⁷ Inf. . XVI.124

⁶⁸ Foi um cortesão de " Norte da Itália no século XIII, da qual temos pouca informação histórica, e mencionado por Dante na *Divina Comédia*. Os primeiros comentadores descrevem ele como um personagem positivo, nobre e generoso.

caminho a se seguir. Ao começar na escuridão, da mesma maneira que todos os cantos do inferno (“Treva de Inferno” são as primeiras palavras do canto) e terminar com a chegada dos viajantes para a luz, o poeta buscou mostrar como se tivessem passado no espaço de um canto uma versão destilada do livro *Inferno*.⁶⁹ Pode se convir isso devido a esse canto ser o de número 50 na somatória dos três livros, sendo dessa forma o meio da jornada.

A escuridão na qual Dante e Virgílio estão mergulhados é causada pela densa fumaça que envolve o terraço da ira. O poeta não consegue enxergar devido a nevoa e precisa ser guiado por Virgílio, para não se perder:

E como o cego que atende ao rebate
Do guia pra não perder-se ou tropeçar
Em algo que o moleste ou até o mate⁷⁰.

A ideia de que a raiva é uma espécie de cegueira é aqui feita literalmente pelo poeta, que envolve o terceiro terraço em fumaça ofuscante.

A escuridão causadora de cegueira deste terraço também é usada para que a alma de embora cego literalmente, guie os vivos por serem intelectualmente cegos: “de pesar, depois disse: Ó irmão vivente, / o mundo é cego, e dele é que vens tu.”⁷¹ “O mundo é cego” é a primeira resposta de Marco Lombardo à pergunta de Dante sobre o papel das estrelas na vida humana. O discurso de Marco Lombardo refuta o papel das estrelas e é, portanto, uma refutação fundamental do determinismo.

Marco Lombardo diz a Dante quem ele foi, político importante de Lombardia, cuja desintegração sem o domínio imperial fornecerá o tópico de discussão na última parte do Purgatório XVI: “Lombardo fui e Marco fui chamado”⁷². Ele descreve a si mesmo como alguém que conhecia o mundo e amava a virtude, que ele chama de “valor para o qual hoje todos afrouxaram o arco: “conheci o mundo e amei o ânimo reto / pra o qual ninguém mais tem o arco voltado”.⁷³ Marco fala com o poeta que, enquanto vivo, amava aqueles valores que não são mais valorizados na Terra, o valor que ninguém mais almejava. Dante lembra que no terraço anterior, descreveu o vale do Arno em termos semelhantes, como um lugar cujos habitantes fogem da virtude:

⁶⁹ MAZZOTTA, Guiseppe. **Reading Dante**. New Haven, Yale University Press, 2014, p. 100.

⁷⁰ Purg.XVI.10-11

⁷¹ Purg. XVI,65-66

⁷² Purg. XVI.46

E eu: Co' este enfaixe que a morte desata,
Esta montanha subindo vou eu,
Chegando da infernal jornada ingrata⁷⁴

Assim que o reconhece, Dante pergunta ao mesmo de quem é a culpa dos males do mundo, do homem ou do destino. É posto pelo poeta que os habitantes de Florença falham em virtude; mas eles o fazem porque o lugar é destinado por Deus a fracassar ou por causa de seus próprios maus costumes? Qual dessas duas possíveis causas para a decadência da comuna florentina deve ser considerada correta? Aquele que é externo aos habitantes, um produto da péssima natureza do lugar, ou o que é interno aos habitantes, um produto de seus próprios maus hábitos e hábitos - o seu “mal-uso”?

A falha por nossa falta de virtude é encontrada no “Céu” ou em nós mesmos, “no mundo”. Em outras palavras, as pessoas devem ser culpadas por seus comportamentos pecaminosos? Ou o comportamento é determinado pelas estrelas e, portanto, não está sob controle humano? Esta é a pergunta que Dante coloca agora a Marco Lombardo, em condições mais explicitamente astrológicas:

O mundo todo está mesmo deserto
de virtude qualquer, como disseste,
e de malícia grávido e coberto;

Mas rogo que o motivo alguém me preste
- para que o veja e o mostre, aos outros, nu –
do que ora o Céu e ora o mundo se investe⁷⁵.

A resposta de Marco a Dante abrange o discurso central da *Divina Comédia* sobre o livre arbítrio, uma declaração dos princípios que sustentam todo o edifício ideológico do poema. Marco representa essa ideia nesse canto. Ele afirma que os humanos insistem em atribuir todas as suas ações ao céu por suas causas, como se todo movimento ocorresse por necessidade. Se assim fosse, declara Marco, então o livre arbítrio seria destruído do homem, não podendo então, haver justiça em receber felicidade por fazer o bem e pesar por fazer o mal:

Vós toda causa atribuis somente
Aos astros, como se tudo movido
Fosse por eles necessariamente.

Estaria, se assim fosse, em vos destruído

⁷³ Purg . XVI.47-48

⁷⁴ Purg . XIV,37-39

⁷⁵ Purg. XVI: 58-63

O livre-arbítrio, e justo não seria
O justo ser premiado e, o mau, punido.⁷⁶

A conclusão que Dante chega nesse canto é que se não estivéssemos agindo livremente, não haveria base para designar algumas almas para o céu e outras para o inferno; se não estivéssemos agindo livremente, não haveria possibilidade de escrever um poema como aquele em que esta discussão está ocorrendo: um poema baseado na justiça, de distribuir felicidade para o bem, e pesar por comportamento maligno.

O discurso de Marco Lombardo justapõe o livre arbítrio com justiça no versículo 71 por uma boa razão: a justiça só pode existir se a vontade for livre. Se a vontade não fosse livre, se homem fosse obrigado a fugir da virtude por causa da má natureza do lugar em que se vive, não haveria justiça em condenar suas ações. O universo seria então arbitrário e caprichoso.

Na verdade, para Dante, a ordem ideológica do universo exige que seja governada com justiça. Se for decidido com justiça, então aqueles que estão fazendo escolhas e cujas escolhas estão sendo avaliadas estão fazendo isso livremente.⁷⁷ Aqui finalmente está a exemplificação das palavras que Dante encontra no portal do inferno no canto 3: “Moveu justiça o meu alto feitor”.⁷⁸ O inferno só pode existir porque a vontade é livre. E aqui também está a razão pela qual não pode haver piedade no inferno: “Para o piedoso, aqui piedade é morta”.⁷⁹

Se há justiça no mundo, então a vontade é livre. Dante reafirma este princípio fundamental quando destaca a ideia paradoxal de uma vontade que é livre, mas que existe em um mundo governado por um Deus onipotente e onisciente: “livres, sujeitos sois; só aquela cria”⁸⁰. A primeira é que o próprio Dante usa “necessita” como palavra chave para o determinismo no Purgatório XVI, acusando os humanos de constantemente referirem suas ações aos céus como se tudo acontecesse “por necessidade”⁸¹.

Com Marco respondendo que o livre-arbítrio definido por Deus é sagrado e sem ele não poderia haver justiça ou punição, e por isso as ações do homem são responsabilidade dele mesmo por meio da discussão do livre-arbítrio e sua culminação em liberdade, o canto XVI do Purgatório gira em torno da questão da governança:

⁷⁶ Purg. XVI.67-72

⁷⁷BAROLINI, Teodolinda. “**Purgatorio 16: The Fault Is Not In Our Stars.**” *Commento Baroliniano*, Digital Dante. New York, NY: Columbia University Libraries, 2014.

⁷⁸ Inf. III.4

⁷⁹ Inf.XX.28

⁸⁰ Purg. XVI,80

“Logo, se o mundo agora se desvia, / busque-se a causa em vós, que em vós se aninha”.⁸²

A questão da governança leva ao seguinte ponto: onde estão as instituições - as leis, os governantes - que podem guiar em direção da cidade verdadeira? Dante aponta também como as instituições já foram uma vez “dois sóis” - Império e Igreja - para guiar o povo ao longo dos dois caminhos, o caminho do mundo e o caminho de Deus:

Roma, que seu Império fez jucundo,
Tinha dois sóis, que uma e outra estrada
Mostravam, a de Deus e a do mundo⁸³.

Mas essas instituições foram corrompidas pela mistura perniciosa do secular e espiritual, do Império e da Igreja, um estado de coisas pelo qual a Igreja é primariamente culpada na opinião de Dante:

Pois, a Igreja de Roma que planeia
Ter em si dois poderes confundidos,
Cai na lama e conspurca a si e a sua preia”⁸⁴

O poeta categoriza dessa forma a condição de que as instituições, juntamente com as más decisões dos homens, causaram a ruína da honra de Florença, e que somente se compreendendo que só a ação do homem pode mudar esse cenário que a comuna florentina pode recuperar a honra de outrora.

Enquanto isso, no canto XVI do Paraíso, Dante guiado por Beatriz, sobe as nove esferas celestes, esferas concêntricas, semelhantes à cosmologia aristotélica, acontece no Céu de Marte, onde são recompensados os que morreram combatendo pela fé. Nesse Canto Dante tem seu encontro com seu trisavô Cacciaguida⁸⁵, que narra ao poeta os antigos e bons tempos de Florença, quando os males que a atingem no tempo de Dante ainda não existiam. O canto XVI do Paraíso se inicia com um apóstrofo para a nossa "pouca nobreza de sangue" em que o poeta se pergunta sobre o poder da ligação e

⁸¹ BAROLINI, Teodolinda. “**Purgatorio 16: The Fault Is Not In Our Stars.**” *Commento Baroliniano*, Digital Dante. New York, NY: Columbia University Libraries, 2014.

⁸² Purg. XVI,82-83

⁸³ Purg. XVI.106-108

⁸⁴ Purg. XVI.127-129

⁸⁵ Não se sabe muito sobre ele; as únicas fontes diretas que atestam a sua existência são dois documentos de 1189 e 1201 [1], as notícias que foram transmitidos de seu ilustre descendente indiretamente na descrição da sua reunião em céu. Cacciaguida foi o fundador da dinastia Alighieri.

linhagem da família. Pois, nos diz Dante, ele se viu no céu glorioso ao descobrir que ele tem um antepassado da estatura de:

Oh, pouca nossa nobreza de sangue!
Se dela faz-nos gloriarmos cá
Embaixo, onde o afeto nosso langue,

Grã cousa para mim nunca será;
Que lá onde a vontade não escolhe,
Digo: no Céu, dela ufanei-me já.⁸⁶

De acordo com as biografias feitas sobre Dante e alguns relatos implícitos que o mesmo deixou em seus escritos, as conexões familiares de Dante durante a maioridade foram poucas, talvez até um tanto desagradáveis e embaraçosas.⁸⁷ Aqui, no entanto, ele se inscreve na nobreza florentina. Significativo desta perspectiva é a declaração explícita de Cacciaguida, no final do *Paraíso XV*, que o imperador lhe deu o título de cavaleiro:

Do imperador Conrado após fui ter
á milícia, alcançando a dignidade
de Cavaleiro, por bem merecer.⁸⁸

Embora o poeta se glorifique em sua ascendência nobre, Dante registra imediatamente a natureza efêmera dessa glória, dadas as depredações do tempo:

Bem ela é um manto que logo se encolhe;
Tão que se, dia a dia, não se emendou,
A tesoura do tempo à volta a tolhe.⁸⁹

A fala acerca da decadência florentina e do papel das facções políticas nesse declínio continua. Agora Cacciaguida usa o passado como peça de comparação com o presente, dizendo, no último verso do canto, que em seu tempo a discórdia e o ódio entre facções ainda não haviam feito o lírio florentino vermelho-sangue: "nem feito rubro por brutal facção".⁹⁰ Cacciaguida continua dizendo que a pouca população tornava a cidade tão pacífica e harmoniosa, que os conflitos políticos eram inexistentes, afinal:

⁸⁶ Par. XVI.1-6

⁸⁷ FRANCO, Hilário jr. **Dante o poeta do absoluto**. São Paulo, Ateliê, 2000, p.25.

⁸⁸ Par. 15.140

⁸⁹ Par. XVI.7-9

⁹⁰ Par. XVI.154

Todos os que nesse tempo pudessem
 armas portar entre marte e batista
 eram um quinto dos que lá ora crescem.⁹¹

O que demonstra a preocupação que Dante tinha em relação ao poderio militar que as famílias da nobreza possuíam e que eram geralmente utilizadas para conflitos internos entre famílias de facções rivais. O próprio Dante é banido de Florença dessa maneira.

Dante pede auxílio a seu antepassado sobre qual motivo Florença se corrompeu e deixou de ser a comuna de outrora, e ao responder sobre o povo de Florença de sua época, Cacciaguida retorna ao tema de outro canto da *Divina Comédia*, o do *Inferno* XVI. Lá Dante narra sobre a “gente nova e rápida fortuna”⁹², que trouxe excesso para a cidade. Agora Cacciaguida insiste que, quando andava entre os vivos, antes que a “gente nova” surgissem em Florença, a cidade era pura e “não misturada”:

Mas a cidadania que agora é mista,
 Que Certaldo e Feggine e Campi admite,
 Era sem exceção pura e benquista.

Ah, quão melhor será quando vos quite
 essa gente que eu disse, e a Trespiano
 e ao Galluzzo para vosso limite;

que aguentar o mau cheiro cotidiano
 dos aldeões de Aguglione e de Signa,
 que já pra especular tem tino urbano⁹³

Dessa maneira, Dante mostra sua aversão às novas leis da comuna, que passam a aceitar aldeões de regiões vizinhas e estenderam a cidadania para além das famílias tradicionais nobres de Florença.⁹⁴ E coloca na Florença de seu trisavô o seu ideal de cidade pura, em que ao mesmo tempo deposita sua esperança e o sustenta a manter sua decepção a cidade que lhe expulsou.

Para Dante a impureza que corrompeu Florença, a “mistura das populações”⁹⁵ que ele tanto deplora, era um resultado do influxo das áreas rurais dentro da província da Toscana, que foram sendo anexadas a comuna florentina desde o final do século

⁹¹ Par. XVI, 46-48

⁹² Inf. . XVI.73

⁹³ Par. XVI,49-51

⁹⁴ GILLI, Patrick. **Cidades e sociedades urbanas na Itália medieval: (séculos XII-XIV)**. Campinas: Editora da Unicamp; Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011, p.84.

⁹⁵ Par. XVI.67

XIII.⁹⁶ Além de passarem a serem consideradas território florentino, essas áreas eram, em geral, o local de origem nos novos nobres ligados ao comércio. A área de Certaldo no verso 50 é a cidade onde nasceu Giovanni Boccaccio (1313-1375), filho de mercadores que forneciam grandes tributos à comuna de Florença.

Em toda narrativa da *Divina Comédia* se enxerga um tom saudosista por uma Florença já inexistente, e uma decepção pelos rumos que a mesma toma. Em sua conversa com seu trisavô, os relatos sobre a Florença de Cacciaguida e os lamentos da decadência da mesma, são os principais pontos do diálogo entre os dois. No canto XVI do *Paraíso*, em meio aos cantos das almas combatentes pela fé, Cacciaguida se encontra com Dante, e após revelar sua identidade, já lhe diz:

Florença, dentro de sua cerca antiga,
aonde sua terça e nona ainda soa,
estava em paz, da temperança amiga.⁹⁷

A “cerca antiga” que o trisavô de Dante cita, é um dos principais pontos da conversa entre os dois. Cacciaguida associa o crescimento urbano da cidade com os problemas existentes na Florença de Dante.

E a preocupação de Dante com os conflitos armados não está somente na nobreza florentina, mas também nos possíveis inimigos da comuna. O que é demonstrado na fala de Cacciaguida ao dizer de como se sentiam os habitantes de Florença em relação a sua terra:

Felizes! Certa, ao seu lar, do direito
e a sepultura, e do temor isenta
que França a desertasse no seu leito.⁹⁸

Mostrando como Dante se angustiava com a possibilidade de o Império Francês tomar Florença, e como o mesmo julgava de suma importância o direito de permanecer em sua terra, morrer e ser enterrado nela.

Esse pessimismo em relação aos migrantes e a “cidadania mista” que existe na Florença de Dante também se deve ao fato da ascensão da “nova nobreza”, composta principalmente por comerciantes, que por não descenderem das famílias tradicionais florentinas, não dão muita importância as tradições de algumas antigas famílias, além do

⁹⁶ FRANCO, Hilário jr. **Dante o poeta do absoluto**. São Paulo, Ateliê, 2000, p. 21-22.

⁹⁷ Par. XV, 97-99.

⁹⁸ Par. XV, 118-120.

aspecto da corrupção, que para Dante manchava a moral da cidade.⁹⁹ Como bem diz Cacciaguida a ele:

Sempre que muita mescla se ocasione,
para a cidade mau destino fada,
qual, pra o corpo, manjar que se adicione.¹⁰⁰

São pontos que fazem com que Dante deixe em sua escrita, o descontentamento e temor que sentia por essas novas mudanças que a cidade passava.

Esse temor de Dante além de muito ligado ao seu medo de que as famílias mais antigas (que na visão do poeta, eram quem carregavam a tradição da cidade) desapareçam por meio das miscigenações com famílias não nobres. É também devido à própria decadência que o poeta via nessas famílias tradicionais, que vendiam serviços e prestígio em troca de dinheiro, outra forma de corrupção. E “...embora alguém que co’ a plebe se une, / com um debrum de ouro hoje a guarneça”¹⁰¹

Cacciaguida alerta Dante também do perigo que Florença corre em aceitar essa miscigenação, migração e se tornar tão repleta de corrupção, já que isso pode ocasionar ao fim da própria comuna, pois nas palavras do mesmo as cidades que permitem esses atos:

Ouvir dizer como as estirpes hão
de acabar, admirado não vai pôr-te,
se até as cidades tem sua extinção¹⁰².

Demonstrando novamente que para Dante a construção e manutenção da moral, tradição e da paz da comuna florentina estava indissolúvelmente associada à existência, se não das famílias nobres, ao menos das suas tradições e ritos. Dessa forma, Dante faz durante os três cantos XVI, uma jornada em busca de resolver qual o problema que fez a comuna de Florença perder toda sua honra e se submeter a violência interna e externa.

Os espaços em que se passam esses cantos fazem parte do discurso buscado por Dante para desenvolver sua proposta. Os sodomitas estão no círculo de punição dos que praticaram violência contra Deus por meio da usura, e as três sombras que Dante encontra estão sendo levadas pela correnteza do rio de fogo. No terraço do Purgatório, a

⁹⁹ ROMERO, Mariana Amorim. A Divina Comédia de Dante Alighieri. In: **Grandes epopeias da antiguidade e do medievo**/ org. Dominique Santos. – Blumenau: Edifurb, 2014, p. 327.

¹⁰⁰ Par. XVI, 67-69.

¹⁰¹ Par. XVI, 131-132.

¹⁰² Par. XVI, 76-78

punição dos que morreram por excesso de ira é caminhar cegamente em meio a fumaça e lá o poeta é guiado por Marco. Já no Céu de Marte, em que os abençoados por morrerem em batalha por Deus é o local de encontro de Dante com seu trisavô que com sua luz, conta ao poeta como Florença um dia já foi bela. No *Inferno* os antigos nobres se deixaram corromper pelo dinheiro e violentaram a honra florentina e se não fosse o aviso de Virgílio, Dante teria pulado no rio e seria levado junto; no Purgatório um Lombardo ajuda o cego Dante a encontrar o caminho novamente, mesmo estando igualmente cego; e no Paraíso as luzes de seu antepassado iluminam um ideal de Florença a ser trilhado.

No *Inferno* o poeta entendeu junto às três sombras que o cercaram, que os novos nobres e seu dinheiro são a causa da corrupção florentina, que inflaram a violência institucional do Papado, da Comuna e do Sacro Império. No *Purgatório*, já sabendo das causas da ruína de sua terra, Dante compreendeu que esse mal não foi determinado pelo Céu e que as más escolhas dos homens que levaram a cidade a esse estado, sendo assim necessário a aplicação de uma justiça para mudar o rumo da comuna. Já no *Paraíso*, seu trisavô o ensina quais caminhos deve seguir para se ter uma boa cidade, como outrora já foi Florença.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dante Alighieri, mesmo em exílio, continuou a pensar e escrever sobre os rumos da política florentina. A mescla de rancor, nostalgia e esperança que transbordam na escrita da *Divina Comédia* só reforçam isso. A concepção do poeta de que a ruína florentina está relacionada aos novos nobres, que não são ligadas às antigas famílias tradicionais italianas, mas sim novos ricos que viviam nas vilas próximas a Florença e passavam cada vez mais a influenciar a política da mesma, mostra a posição social, política e ideológica do autor, que descendente de pequenos nobres que ganhavam auxílio dos nobres tradicionais, via talvez na ascensão de famílias desassociadas à nobreza tradicional como algo que não somente feria toda tradição Florentina mas também algo que causaria mudanças na organização social de sua comuna.

A ideia de uma política não mais centrada nos parâmetros de determinação divina que o poeta apresenta reflete a concepção cada vez crescente na Idade Média europeia de uma separação mais clara entre o que pertence à jurisdição dos homens e o que pertence aos desígnios de Deus. Dante em sua conversa com Cacciaguida, de maneira similar a um historiador, “revive os mortos” em sua escrita para fazer o passado explicar o presente e por meio dele também moldar suas expectativas para o futuro.

E por meio dessas reflexões que esse trabalho monográfico buscou conceituar e possibilitar análises acerca da escrita de Dante. As discussões feitas no primeiro capítulo conseguiram sintetizar o contexto histórico que rodeou a vida do poeta e o influenciou, além de montar um panorama acerca das concepções políticas e culturais do escritor florentino.

O segundo capítulo foi discutido as concepções e conceitos de violência que cercavam Dante e como o mesmo se apropria delas. E se utilizando desses conceitos, é feita a análise dos cantos XVI de cada livro da *Divina Comédia*, traçando as similaridades e continuidades de discursos que o poeta aborda nesses cantos, tentando dessa maneira mostrar como a intencionalidade enciclopédica do autor se faz presente.

BIBLIOGRAFIA

- ALIGHIERI, Dante. **Divina Comédia: Inferno - Purgatório - Paraíso**. Tradução Ítalo Eugenio Mauro. Edição Bilíngue. Ed. 34, 2014
- _____. **Le Dolci Rime**. Firenze: Biblioteca dei Classici italiani di Giuseppe Bonghi, 1996.
- _____. **Monarquia**. Lisboa: Guimarães Editores, 1973.
- _____. **Vida Nova**. Lisboa: Guimarães Editores, 1973.
- AQUINO, Tomás De. Tomo II, In: **Suma Teológica**. São Paulo: Loyola, 2001, II-II, q. 40, a. 1.
- ARISTOTELES, **Metafísica**, Edições Loyola, São Paulo, 2002. V, 1015, p. 200-202.
- AUERBACH, Erich. **Dante, poeta do mundo secular**. Trad. Raul de Sá Barbosa. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.
- _____. **Ensaio de literatura Ocidental**. Org. Davi Arrigucci Jr. e Samuel Titan Jr. Trad. Samuel Titan Jr. e Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades e Editora 34, 2007.
- BAROLINI, Teodolinda. “**Inferno 16: Cortesia and Wealth Management (II)**. ” *Comento Baroliniano, Digital Dante*. New York, NY: Columbia University Libraries, 2018.
- _____. “**Paradiso 16: Time’s Scissors, Or The Florentine Chromebook**. ” *Comento Baroliniano, Digital Dante*. New York, NY: Columbia University Libraries, 2014.
- _____. “**Purgatorio 16: The Fault Is Not In Our Stars**. ” *Comento Baroliniano, Digital Dante*. New York, NY: Columbia University Libraries, 2014.
- BARROS, José D’Assunção. **Papas, imperadores e hereges na Idade Média**—Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- BÉRTE, Débora. **Dante: da danação a salvação, o mesmo Inferno**. Trabalho de conclusão de curso, UFRGS, 2011.
- BLOOM, Harold. De Homero a Dante. In: **Abaixo as Verdades Sagradas**. São Paulo, Companhia das Letras, 2012.
- BRITO, E. F. **Tradução parcial e comentada do Convívio de Dante**. *TradTerm*, São Paulo, v. 20, dezembro/2012, p. 68-94.
- CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo, Companhia das letras, 2007.

- CHARTIER, Roger. **A História cultural: entre práticas e representações**. Lisboa. Difel. 1990
- _____. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte, autentica, 2009.
- CHAVES JUNIOR, Edgard de Brito. **Dicionário biográfico de personagens dantescos**. Rio de Janeiro: Forense, 2009.
- CORBETT, George; WEBB, Heather (org.). **Vertical Readings in Dante's Comedy Vol.1**. Cambridge, UK: Open book Publishers, 2015.
- _____. **Vertical Readings in Dante's Comedy Vol.II**. Cambridge, UK: Open book Publishers, 2016.
- _____. **Vertical Readings in Dante's Comedy Vol.III**. Cambridge, UK: Open book Publishers, 2017.
- CURTIUS, E. R. **Literatura europeia e Idade Média Latina**. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1996.
- DISTANTE, Carmelo. **Prefácio**. In: Divina Comédia: Inferno. Tradução Ítalo Eugenio Mauro. Ed. 34, 2014, p. 7-17.
- FRANCO, Hilário jr. **Dante o poeta do absoluto**. São Paulo, Ateliê, 2000.
- GILLI, Patrick. **Cidades e sociedades urbanas na Itália medieval: (séculos XII-XIV)**. Campinas: Editora da Unicamp; Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011.
- LE GOFF, Jacques. **Raízes medievais da Europa**. Rio de Janeiro, vozes, 2007.
- _____. **Os intelectuais na Idade Média**. Trad. Marcos de Castro. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.
- _____. **O deus na idade média**. Rio de Janeiro, civilização brasileira, 2007.
- _____. **O Nascimento do Purgatório**. Portugal Estampa, 1995.
- _____. **A bolsa e a vida: economia e religião na Idade Média**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- LOYN, Henry R. **Dicionário da Idade Média** / organizado por/ tradução, Alvaro Cabral; revisão técnica, Hilário Franco Junior. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.
- KRISTELLER, Paul. **Tradição clássica e pensamento do Renascimento**. Lisboa, Edições 70, 1995.
- MAZZOTTA, Guisepppe. **Dante in Translation/ Inferno XII, XIII, XV, XVI**. Vídeo. 2009. Disponível em <https://youtu.be/Au4VoQVXt7Q?list=PLD1450DFDA859F694> (acesso 11/05/16).

_____. **Dante in Translation/ Paradise XV, XVI, XVII.** Vídeo. 2009. Disponível em <https://youtu.be/dsZdebUhDcE?list=PLD1450DFDA859F694> (acesso em 11/05/16).

_____. **Dante in Translation/Purgatory X, XI, XII, XVI, XVII.** Vídeo. 2009. Disponível em <https://youtu.be/yf2lZV1Iye0?list=PLD1450DFDA859F694> (acesso 11/05/16).

_____. **Reading Dante.** New Haven, Yale University Press, 2014.

MUCHEMBLED, Robert. O que é violência? In: **Uma História da violência: do fim da Idade Média aos nossos dias.** Edições 70, 2014, p. 13-33.

RICHARDS, Jeffrey. **Sexo, desvio e danação: As minorias na idade média.** Rio de Janeiro, Zahar, 1993.

ROMERO, Mariana Amorim. **A Divina Comédia de Dante Alighieri.** In: *Grandes epopeias da antiguidade e do medievo/ org. Dominique Santos.* – Blumenau: Edifurb, 2014, pp. 325-350.

STERZI, Eduardo. **Por que ler Dante.** Globo, São Paulo, 2008.

STREFLING, Sérgio Ricardo. **A disputa entre o papa Bonifácio VIII e o rei Filipe IV no final do século XIII.** In: *Teocomunicação*, Vol. 37, N° 68, 2007/09.

VAUCHEZ, Andre. **A espiritualidade na Idade Média ocidental: (séculos VIII a XIII).** Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

VERGER, Jacques. **Cultura, Ensino e Sociedade no Ocidente nos séculos XII e XIII.** Bauru, SP: EDUSC, 2001.

ANEXO I

Cronologia da vida de Dante segundo Hilário Franco Jr.*

- 1265: Nasce durante, apelidado Dante, Filho do notário Alighiero di Bellincione e de Bella d'Alighiere.
- 1274: Primeiro encontro com Beatriz.
- 1275: Morre a mãe de Dante, e logo seu pai casa-se novamente.
- 1283: Segundo encontro com Beatriz.
- 1284-1285: início da atividade poética, aproximando – se do *dolce stil nuovo*.
- 1289: possível estada na Universidade de Bolonha.
- 1290: Morte de Beatriz Portinari.
- 1292-1293: *Vita Nuova*.
- 1295: Casamento com Gemma Donati; Início da participação de Dante na vida política de Florença.
- 1297-1299: Luta entre os *guelfos* brancos e negros, com Dante tomando partido dos primeiros.
- 1300: O governo florentino, com a participação de Dante, expulsa chefes das duas facções políticas.
- 1301: Embaixador em Roma, Dante é ali retido enquanto Carlos D'Anjou, ajudado pelos *guelfos* negros, tomava o poder em Florença.
- 1302: Acusado de Corrupção, começa o exílio de Dante.
- 1303-1304: Primeira estada em Verona; *De Vulgari Eloquentia*.
- 1304-1308: *Convívio*; *Inferno*.
- 1308-1313: *Purgatório*.
- 1309-1310: Provável estada na Universidade de Paris.
- 1311: *Monarquia*.
- 1314-1320: *Paraiso*.
- 1317-1321: Estada em Ravena, sob o mecenato de Guido Novello da Polenta.
- 1319: *Éclogas*.
- 1320: *Quaestio de situ aquae et terrae*.
- 1321: Morre em Ravena, aos 56 anos de idade.

* FRANCO, Hilário jr. **Dante o poeta do absoluto**. São Paulo, Ateliê, 2000. p. 123-126.

ANEXO II

Mapa da Península Itálica no período de Dante. **



Figura 1: Mapa da Península Itálica do período de 1193 a 1300 aproximadamente

** GILLI, Patrick. **Cidades e sociedades urbanas na Itália medieval: (séculos XII-XIV)**. Campinas: Editora da Unicamp; Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011. p.210.